



ESCOTEIROS
DO BRASIL

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

Região de São Paulo

***Histórias verdadeiras
que o Escotismo
não conta***

Elmer S. Pessoa 2017

HISTÓRIAS VERÍDICAS QUE O ESCOTISMO NÃO CONTA

Como é do conhecimento de todos vocês, a vida nos coloca frente a histórias de todos os tipos, vividas com mais ou menos intensidade, geralmente, nos pegando desprevenidos.

Algumas logo são esquecidas, mas outras permanecem em nossas lembranças por muito tempo, pois de certa forma, marcaram uma época ou mesmo, um simples fato. Tenha ela a importância que tiver, em um período de sua vida, não irá fazer parte de nenhum livro. Não porque você a considere banal, mas na maioria das vezes, se é importante para você, não seria para outros.

Esta situação acontece agora. Juntei algumas histórias em que eu vivi pessoalmente, classificadas como interessantes, passando por esquisitas e divertidas, mas que, com absoluta certeza, não serão editadas. Não há ambições literárias, mas apenas contar algumas passagens que acontecem no Escotismo e que nos distraem em um bate-papo informal, quando recordamos os “velhos tempos”...

São histórias passadas dentro do Movimento Escoteiro, desde 1954, ano em que ingressei em suas fileiras permanecendo até os dias atuais. Durante todo esse tempo tenho vivido muitas aventuras interessantes, pois o Escotismo, como qualquer quadro associativo, aglutina muitas pessoas, fruto das mais variadas árvores. Desta forma espero que vocês ao lerem estes pequenos contos, se alegrem e procurem transportarem-se para dentro do cenário, buscando vivencia-lo intensamente, pois agrade ou não, são verdadeiras e não tive outra opção a não ser vive-las! Podia ter acontecido com você...

Como sempre, recebi o inestimável auxílio de minha esposa, Chefe Lenita Abreu Pessoa, inclusive reforçando minha memória, pois muitas dessas aventuras nós a vivemos juntos, como fazemos a quarenta e oito anos! A ela, os meus sinceros agradecimentos!

Um grande beijo!



Elmer S. Pessoa

Índice:

01 – O CASAMENTO DO SONECA.....	4
02 – O SEMPRE ALERTA!	6
03 – A AVENTURA DA PIZZA.....	8
04 – UMA NOITE NA PENITENCIÁRIA.....	10
05 – O ARROZ E SEUS SATÉLITES.....	12
06 – COZINHAR COM ÁGUA DO MAR?.....	14
07 – 007 SUMIU	16
08 – LOBINHO DIZ CADA UMA... (1).....	18
09 – LOBINHO DIZ CADA UMA... (2).....	19
10 – LOBINHO DIZ CADA UMA... (3).....	20
11 – A FORÇA DE UM CARTAZ.....	22
12 – UM BANHO DE SANGUE.....	24
13 – PRENDAM SUAS CABRAS	26
14 – UM GRANDE SUSTO	28
15 – SÓ TEM LOBO BOM, BOM, BOM.....	30
16 – SERÁ QUE MORRI E NÃO SEI?	32
17 – VOCÊS É QUE SABEM...	34
18 – QUANDO COMEÇOU?	36
19 – INVASORES SEM-TERRA?	37
20 – RISCO DE VIDA!	40
21 – DILÚVIO EM SANTOS.....	42
22 – DEUS REALMENTE É ESCOTEIRO!.....	45
23 – UM ABSURDO!	48
24 – O QUE FAÇO COM O LIXO?	50
25 – O FRIO PÕE FOGO NOS PÉS!	52
26 – PERDIDO NO SHOPPING!	54
27 – LÁ VEM ÁGUA!	56
28 – BARATAS? QUEM TEM MEDO?.....	58
29 – TINHA QUE ACONTECER LOGO COMIGO.....	61
30 – O BAILE DE DEBUTANTES	63



01 – O CASAMENTO DO SONECA

Essa história hilariante que vou relatar é verdadeira e eu, como sênior, estava presente. Aconteceu com um chefe do Santista que depois veio para o Morvan, tornando-se parte da história de ambos os Grupos, como um fato pitoresco.

Tínhamos em nossas fileiras, no 11º Grupo Escoteiro do Ar Morvan Dias Figueiredo, de Santos/SP (por volta de 1960 era nº 11º SP e da modalidade do Ar) um Pioneiro cujo apelido era “Soneca” que tinha origem na Fanfarra do Grupo. Eu explico: Ele tocava caixa-repique (rufo) e era realmente muito bom! Quando ele “rufava”, fechava os olhos parecendo estar dormindo, em transe, por vários minutos, inclusive às vezes esse fato de dava em pleno desfile e tínhamos que ficar atentos, pois nas curvas de rua ele passava reto...

Interessante que de tanto chamá-lo de Soneca, não guardamos o nome dele. Havia sido transferido de outro Grupo de Santos, um dos mais antigos de São Paulo.

Bem, o Soneca ia se casar! Estávamos eufóricos, pois nosso Chefe de Grupo havia preparado uma cerimônia muito bonita, que seria uma surpresa para o casal. Ele também tinha sido chefe no outro Grupo, na época que o Soneca era Pioneiro. Era um grande e numeroso Clã.

Iríamos à Igreja com nossos bastões (na época cada Escoteiro tinha um bastão) e faríamos um cordão de honra no corredor entre a porta e o altar. Na volta dos noivos, já casados, cruzaríamos os bastões e o casal passaria por baixo. Quando estivessem a meio caminho para a saída, o Chefe iria ao encontro do casal, falaria umas poucas palavras alusivas ao fato sobre a alegria em tê-la no escotismo e colocaria no vestido da noiva uma Flor de Lis (top da boina do Escoteiro do Ar), e assim estava planejado. Seria uma cerimônia muito bonita!

Bem, tudo preparado, treinado várias vezes na sede, fomos para o casamento, que seria na Igreja de Sagrado Coração de Maria, situada na Av. Ana Costa, logo em seu início, perto da Estação da SMTC, Igreja que existe até hoje.

Fomos um trecho no bonde 4 até a praia, pois nossa sede era na Escola Docas de Santos, à Rua Campos Mello, 130 e lá pegamos bonde 42 que “subia” a Av. Ana Costa, passando na frente da Igreja, a qual havia um ponto de bonde bem em frente.

Quando fomos pegar o bonde 42 ele estava cheio e os Lobinhos e os Escoteiros menores, subiram no bonde, ficando em pé entre os bancos, como era de uso habitual pela população. Hoje não mais existem bondes em Santos, apenas as linhas que fazem um passeio turístico, de cunho cultural, muito bonito.

Os Seniores, Pioneiros e Escoteiros mais velhos ficaram em pé no estribo do bonde. Para aqueles que não conhecem ou não se lembram, os bondes abertos tinham estribos de ambos os lados e os homens viajavam no estribo quando o bonde estava cheio. Sediam os lugares às senhoras e crianças.

Então, no estribo, segurávamos com a mão no balaústre do bonde, junto com o bastão escoteiro. Até aí, tudo bem e não era a primeira vez que viajávamos daquela forma, levando o bastão.

Mas, desta vez foi diferente; O bonde seguia pelo trajeto previsto, parando normalmente nos pontos que era solicitado, subindo e descendo passageiros. Uma senhora de meia idade e de peso além do razoável para seu tamanho, em uma parada já perto da Igreja, foi subir no bonde e, por engano, segurou no bastão do Escoteiro, colocando todo seu peso, pensando que fosse o balaústre do bonde... Foi um desastre!

Foi ela, o bastão e o Escoteiro para o chão, se esparramando os três pela calçada. O susto foi enorme, pois ninguém esperava. A mulher no chão chorando, xingando o Escoteiro com palavras de baixo calão e em voz alta que por azar, tinha caído por cima dela, ralando ambos os joelhos e cotovelos. Uma tragédia grega! O bonde parou para ajudar... Enquanto alguns passageiros riam, outros tomavam partido a favor de um ou de outro. Alguns ajudaram a levantar e nós, Escoteiros ajudávamos e pedíamos calma à senhora. A bolsa dela se abriu, e seu conteúdo se espalhou pelo chão, causando mais constrangimento.

O trânsito já havia parado em ambas as pistas e notamos que a plateia estava aumentando e que precisávamos terminar com aquele espetáculo, quase circense. Um Escoteiro apareceu com um copo de água com açúcar que, até hoje, não sei onde ele conseguiu e, como se fosse “um santo” remédio, a senhora calou-se, permitindo um diálogo entre nosso chefe e ela.

Ele se ofereceu educadamente para levá-la em casa o que ela recusou, preferindo continuar o destino que ela planejara, apenas conferindo o conteúdo da bolsa e limpando os joelhos com o resto de água do copo. Na realidade foi mais o susto e o constrangimento do tombo que a fez gritar tanto.

Nós continuamos no bonde por mais umas quatro paradas e fomos para o casamento. Passado o aperto gerado pelo incidente, já na porta da Igreja, que começamos a rir, pois foi um fato inédito acontecido em uma situação única.

Ainda bem que ninguém, na igreja, reparou nos joelhos do Escoteiro, pois seria penoso dar uma explicação sem rir e, ao mesmo tempo, ter dó daquela senhora.

O chefe trocou endereços com ela para caso de alguma necessidade e sei que durante a semana seguinte, procurou contato para ver como ela estava passando. Afinal o nome dos Escoteiros foi envolvido e o chefe era muito zeloso com o bom nome, evitando qualquer atitude que pudesse denegri-lo.

Essa foi uma história real e divertida que os livros de Escotismo não contam!

02 – O SEMPRE ALERTA!

Esta é uma história hilariante, verdadeira e que aconteceu comigo...

Há no Movimento Escoteiro uma área que já foi muito valorizada, em um passado não muito distante, e que chamamos de “Místicas e Tradições”. Fazíamos um jogo permanente, no qual era considerado mais “Alerta!” aquele que cumprimentasse primeiro, fazendo a saudação, quando encontrasse outro membro do Movimento Escoteiro! Era uma forma de incentivar a cordialidade e o hábito de cumprimentar o próximo. Infelizmente, deixada de lado...

Pois bem, era esse o hábito e todos procuravam cumpri-lo fazendo questão de ser o primeiro. Às vezes até era levado ao exagero, pois fazíamos a saudação de longe, para ser reconhecido.

Entrou para o nosso Grupo um jovem que levava muito a sério, extrapolando o direito de cumprimentar primeiro. Cumprimentava o tempo todo, mesmo aquele que ele já havia cumprimentado, várias vezes. Era só passar por ele que lá vinha o “Sempre Alerta!”.

Este garoto se chamava..... Não me lembro e, acredito que ninguém se lembre, pois logo de início ganhou um apelido. Isso mesmo que vocês estão pensando: “Sempre Alerta!” E assim era chamado... Sempre Alerta daqui, Sempre Alerta de lá e pegou. Todos, até os chefes o chamavam assim.

Bem, um domingo vinha visitar São Paulo a Lady Baden Powell. Iria recepcionar os Escoteiros no Ginásio do Ibirapuera! Um acontecimento! Imaginem só: A esposa do nosso fundador estaria presente. Conhecê-la... Seria um sonho?

O Comissário Distrital, na época, acertou com os Grupos do Distrito que iriam alugar um ônibus e cada Grupo mandaria uma Patrulha para representá-lo. E, por minha sorte e felicidade, iria a Patrulha Gavião, na qual eu era o monitor. Quanta alegria! Nem dormi direito...

Marcamos para nos reunirmos na sede às 6 horas da manhã e iríamos juntos encontrar as Patrulhas dos outros Grupos na “Fonte Luminosa do Gonzaga” local em que tomaríamos o ônibus para São Paulo. Na época era hábito, quando havia viagens dessa natureza, os chefes sempre marcavam as saídas para este local, fácil de chegar, pois ficava no final da Av. Ana Costa com a praia. Local fácil de estacionar, naquela época, diga-se de passagem.

Bem, chegamos à sede e ficamos aguardando o “Sempre Alerta”, pois era o único que não havia chegado. Lá pelas sete horas, já atrasados, pegamos o bonde quatro e fomos até a praia e de lá, a pé até o Gonzaga, em passos bem rápidos, temendo perder o ônibus.

Para nos comunicarmos com o “Sempre Alerta” esperando que ele ainda fosse para a sede e de lá para o Gonzaga, tive, como Monitor, a brilhante ideia de deixar um bilhete preso na porta da sede com os seguintes dizeres:

“Sempre Alerta vá para a Fonte Luminosa do Gonzaga o mais rápido possível. Elmer”.

Vocês podem imaginar o que aconteceu, não é? Todos que chegavam à sede para a reunião normal, liam o bilhete na porta e se dirigiam para a Fonte Luminosa.

E o Sempre Alerta não apareceu e não foi viajar conosco, desfalcando a Patrulha deixando todos nós aborrecidos.

A viagem foi muito boa e ter conhecido a Lady BP foi maravilhoso! Hoje dou muito mais valor do que naquela época, em que estava, talvez, mais maravilhado com tantos Escoteiros e Bandeirantes, lotando completamente o Ginásio de Esportes do Ibirapuera. Ela nos dirigiu a palavra, mas, em inglês e eu só entendia depois de traduzido pelos chefes, se é que entendi tudo, pois o barulho de palmas, vivas, saudações e gritos de Patrulha eram ensurdecedor. Passamos em desfile a menos de dois metros dela e estávamos maravilhados com tudo o que acontecia.

Se fosse hoje, teríamos os celulares para filmarmos e fotografarmos, mas só nos restam as lembranças de um dia maravilhoso em nossas vidas.

Ah! O Sempre Alerta Querem saber o que aconteceu? Pois bem! Ele realmente não apareceu, nem na viagem, nem no Gonzaga.

E a confusão? Esta foi grande! À medida que o pessoal ia lendo o aviso, se dirigiam para a Fonte Luminosa, acabando por ser feita lá, a reunião normal daquele dia, deixando de ser “normal” para tornar-se uma “Reunião Especial” com os chefes improvisando uma programação nas areias da praia.

Não foi difícil, mesmo sem prepará-la e não ter nenhum material, pois fazer uma reunião de Escoteiros na praia, em um dia de sol, é fácil improvisar um bom programa “ilhado” isto é, nada tem à ver com o programa da reunião anterior e nada terá à ver com a próxima reunião na sede.

Na realidade não culpamos o Sempre Alerta, pois foi um erro generalizado, tendo início em um simples bilhete deixado para uma pessoa. Nem os chefes imaginaram essa possibilidade...

Não me lembro do que houve depois com o Sempre Alerta e se não me falha a memória (o que duvido muito) ele permaneceu mais um período no Grupo e acabou desligando-se no reinício das atividades do ano seguinte.

Seria interessante encontrá-lo e revivermos nossa história... De qualquer forma foi mais um detalhe do maravilhoso dia em que conheci a Lady Baden Powell. Valeu!

03 – A AVENTURA DA PIZZA

Quando o nosso querido Chefe e Padre, já falecido, aceitou a nomeação de Escoteiro Chefe (função que não mais existe, equivalente a Diretor Técnico) fui convidado por ele para assumir a função de Comissário Nacional para Distritos Escoteiros.

Após uma conversa informal sobre as responsabilidades que teria se aceitasse mais esse desafio, acabei aceitando e fiquei de participar da Reunião da CNOC (Comissão Nacional de Organização e Coordenação) na qual dirigia tecnicamente o Movimento Escoteiro, convocada para os próximos dias.

A reunião iria acontecer na cidade de Juiz de Fora/MG em um fim de semana, no Seminário da Ordem que o Escoteiro-Chefe pertencia e onde também ficaríamos alojados. Um ótimo lugar, bem adequado para a realização dos trabalhos. As instalações eram ótimas e o silêncio colaborava com o êxito dos assuntos.

De São Paulo, fui eu e a Comissária Nacional do Ramo Lobinho e viajamos a noite toda, de ônibus. Certamente incomodarmos os outros passageiros, pois conversamos a noite inteira sobre os assuntos que estavam na pauta de discussão. Pretendíamos chegar na reunião com conhecimento dos assuntos e com opiniões formadas.

Chegando lá, encontramos diversos Escotistas, membros da CNOC ou convidados para assumir funções, entre tantos outros e após as apresentações, fomos ao trabalho, tudo correndo dentro das previsões. No almoço e jantar, uma alimentação deliciosa (como é a comida mineira) e a reunião se estendeu, como de costume, até depois da meia noite. Até aqui tudo bem, sem nada a interferir.

Quando o Escoteiro-Chefe encerrou a reunião, alguém falou em fome. Foi como um estopim detonando uma bomba! Aquela simples palavra despertou uma fera esfomeada que estava adormecida dentro de cada um de nós! Lá foi o anfitrião à procura de alguma coisa para se comer. Àquela hora o refeitório já estava fechado, conforme hábito do seminário e não havia como entrar na dispensa, pois a porta dava para o refeitório.

Então, alguma mente brilhante teve a ideia: - Vamos sair e comer pizza! A aceitação foi unânime e nos preparamos para tal aventura. Alguns já reclamavam que o estômago estava fazendo barulho...

Fomos quase todo o grupo. Saímos para o corredor que dava em um portão para a rua. Tudo bem simples. Aí, começou o drama! O Chefe se lembrou de que estava sem a chave do portão. Tentou pegar uma chave com algum seminarista, mas todos estavam dormindo, já passava dá uma hora da madrugada.

Neste momento ele teve uma lembrança: em um quartinho usado como depósito havia uma escada! Vamos pular o portão! Acontece que o vão que ficava entre o portão e o teto do prédio não tinha mais que 40 centímetros!

Será que dá para passar? Como passaremos a escada de dentro para fora? E se der, o que faremos com a escada na rua?

As senhoras Escotistas já desistiram e optaram para ir dormir. Dois senhores, um pouco mais “robustos” também desistiram.

Os outros resolveram tentar. Eis a estratégia de guerra usada: Subíamos dois em cima do portão, suspendíamos a escada e a passávamos para o lado da rua. Então descia um e o que permanecia em cima, puxava a escada do lado da rua, passava por cima do portão e descia a escada para dentro do seminário. A dificuldade é que aqueles que estavam em cima do portão, tinham que ficar deitados em cima dele, equilibrados em uma superfície de uns oito centímetros de largura e espremidos em um vão de 40 centímetros, como já disse.

Assim foi feito e vagorosamente passaram uns oito Escotistas e o Padre. Bem, vocês perguntam: E a escada? Eis a solução encontrada: Junto ao muro que pulamos o portão havia um canteiro com arbustos e folhagens no qual escondemos a escada, entre os arbustos e o muro. Ficou semiescondida, porém não podíamos ir à pizzeria levando a escada, em plena avenida. Qual impressão daria, oito homens (um deles, padre) de madrugada, carregando uma escada? E se a Polícia passasse? Mas não era essa a nossa maior preocupação!

E se roubassem a escada, pois estava parcialmente visível? Como retornaríamos ao seminário? Como o Padre iria explicar aos superiores tal comportamento? Teríamos que esperar amanhecer? Em que lugar iríamos ficar para esperarmos?

E, vocês adivinham o que venceu o medo e respondeu todas essas perguntas? Sim, ela mesma: A fome!

Corremos para a pizzeria mais próxima (que felizmente era perto) com receio que já estivesse fechada e degustamos “milhares” de pedaços...

Já satisfeitos e com a fome dominada, estávamos alegres e felizes como um bando de universitários que aprontaram alguma arte. Afinal nenhum dos presentes era rapazinho... Todos senhores de meia idade, respeitáveis em suas vidas pessoais e profissionais, que já não esperavam vivenciar mais um desafio deste modelo. E se fôssemos pegos pulando o muro de um seminário? Como ficaria a reputação de todos? Mas quem não arrisca, não petisca e a pizza estava uma delícia...

O retorno foi mais fácil. A escada estava a onde a escondemos e já tínhamos uma “larga experiência” em pular portão de seminário...

É a constatação de um velho ditado: “De médico e de louco, todo mundo tem um pouco” já falava minha avó!

Vejam só o que o Escotismo faz conosco ou, melhor ainda, vejam o que nós nos submetemos por causa do Escotismo!

04 – UMA NOITE NA PENITENCIÁRIA

Na caminhada pela vida, às vezes, ela nos oferece episódios que facilmente passariam por uma história hilariante, nos colocando frente a situações constrangedoras. Esta é uma delas, verídica como as outras tantas que o destino nos proporciona.

O 46º GEAT, durante Reunião Ordinária da Assembleia de Grupo, elegeu seus delegados à Assembleia Regional que neste ano seria realizada na cidade de Taubaté. Para facilitar a viagem, formou-se uma delegação com os delegados, o representante da Diretoria e mais aqueles que desejassem participar do evento, mesmo sem o direito ao voto. Se não me falha a memória, éramos quinze adultos, somando-se Diretores, Escotistas e Pioneiros.

Para a viagem, os participantes foram distribuídos pelos automóveis que iriam. No dia da Assembleia Regional, foi marcado como ponto de encontro a sede do Grupo e de lá partimos bem cedinho.

Viagem normal, alegre, com uma parada para esticar as pernas, pois iam quatro em cada carro. Chegamos antes do horário previsto, e fomos direto para o local do evento entregar as fichas do credenciamento e as inscrições para os eventos prévios do Congresso Regional, que iniciariam logo mais.

Continuava tudo normal e após o término dos eventos prévios, fomos almoçar, aliás, um almoço delicioso. Às quatorze horas aconteceu a Sessão Solene marcando o início da Assembleia Regional. Todos uniformizados e ansiosos para que logo iniciasse, pois muito se falava no novo Programa de Jovens...

Tudo continuava normal, seguindo uma rotina pré-estabelecida para Assembleias e Congressos Regionais. Plenário lotado, abertura solene com a entrada das bandeiras, Hino Nacional, apresentações, discursos, outorga de medalhas àqueles que se destacaram, avaliações do Relatório Regional, apresentação e aprovação das contas e o encerramento da primeira sessão plenária. À noite, Reunião de Gilwell para aqueles que são Insígnia de Madeira e após, o famoso Jantar Festivo.

Vocês devem estar perguntando: Qual é o problema? Tudo está se passando dentro da maior ordem... Qual a graça? Não vemos nada de anormal...

Bem, então vamos continuar... Nossa delegação optou por ir a uma pizzaria com Escotistas de vários Grupos, bater um papo descontraído, trocar ideias e jogar conversa fora. Ficamos curtindo o ambiente até quase uma hora da madrugada, quando saímos da pizzaria para irmos dormir. Agora é que vai acontecer..

Subimos nos carros e quem os dirigia seguiam o carro da Chefe Irene. Eu e muitos do que estavam de carona, pensávamos que estávamos indo para uma escola, reservada para alojamento da Assembleia e disponibilizada para os participantes, não muito distante do local.

Notamos que parecia mais distante e vocês não imaginam o susto quando paramos na cancela da Penitenciária de Taubaté! Chefe Irene falou alguma coisa para os guardas e

com um sinal de mão, entramos na Penitenciária, lá dentro mesmo, de verdade, como se vê nos filmes, com muralhas cercando e guardas armados nas guaritas. A sorte é que era de noite e não se via os olhos arregalados da maioria. E, continuamos seguindo a Chefe Irene, aquela fileira de carros, por dentro da Penitenciária.

Paramos em uma bela casa que fazia parte de um conjunto residencial dos funcionários administrativos qualificados e quando descemos, soubemos do ocorrido. A irmã da Chefe Irene é casada com o Diretor da Penitenciária e toda a delegação do GEAT iria ficar hospedada lá. Foi um alívio, nos deixando mais tranquilos, mas... vocês pensam que terminou aí? Ah! Puro engano...

Após um lanche oferecido pela nossa anfitriã, arrumamos nossos sacos de dormir pelo chão da sala. As mulheres ficaram alojadas em algumas camas extras no quarto de hóspedes e, enquanto alguns tomavam banho, outros faziam fila ao telefone para dar notícias à família.

Aí, é que foi o “ponto alto” da aventura: Para falar com o mundo externo, ligava-se para a telefonista da Penitenciária, dava o nome de quem ia falar daqui, a cidade e o nome da pessoa com quem desejávamos falar e o número do telefone que queríamos a ligação.

Então a telefonista fazia a ligação para fora, falando o que era regulamentar e, notem: já passava das 2 horas da madrugada!

“Alô! Aqui fala da Penitenciária de Taubaté. A Srta. Ana Maria Pereira deseja falar com a Sra. Carmem Pereira. Ela se encontra?” Quando a pessoa se identificava e aceitava a ligação, as duas pessoas eram colocadas em contato e se completava a ligação.

Bem, vocês imaginam o susto que as mães levavam quando recebiam um telefonema, de madrugada, da telefonista da Penitenciária de Taubaté, dizendo que sua filha querida (que saiu para uma atividade escoteira) está chamando da Penitenciária! Imediatamente se instalava um caos, até que as devidas explicações (e não eram poucas) aliviassem a tensão e a angústia do primeiro momento!

Depois de esclarecidas todas as dúvidas e tudo estando no mais perfeito entendimento, fomos dormir, agora já se divertindo com o fato, transformando tudo em piadas e, com uma certeza que levaremos esta história para as conversas que, constantemente temos, em volta de uma pizza!

Podemos afirmar com toda a certeza que, não conhecemos nenhuma outra Delegação de Escoteiros que tenha dormido na prisão após uma inocente e festiva, noitada entre amigos em volta de uma pizza!

05 – O ARROZ E SEUS SATÉLITES

Sempre tive aversão a cozinhar, mas meu chefe fazia questão de cumprir todas as etapas e fui adiando até que não deu mais. Já era monitor e estava a caminho da 1ª. Classe e não tive como protelar por mais tempo. Seria neste acampamento ou em outro qualquer. O chefe não deixava nada para traz.

Fomos acampar três dias no Jardim Casqueiro, na beira do rio. Na época, não era uma bela avenida beirando o rio, como hoje. Era só mato e árvores. Abrimos uma clareira para cada Patrulha e montamos o campo.

E eu encarregado de cozinhar para a minha Patrulha... Que tristeza... Sentíamos na atmosfera a “fria” que estávamos entrando. Enfim, pensei: “Seja o que Deus quiser e lá fui eu para o sacrifício”. Sentia-me encurralado... Como era apenas uma refeição, enfrentei o problema.

Preparei os ingredientes para um risoto de frango que havia aprendido com a minha mãe uns dias antes e, sem nenhum treinamento anterior, “enfiei as caras no negócio!” O franco era cortado em pedacinhos e cozido. Os legumes trouxe já prontos, comprado em lata. Fritei umas linguças cortadas em rodelas e era isso o que iria servir à Patrulha e ao chefe que ficou de almoçar conosco. Os chefes sempre almoçavam um em cada Patrulha, verificando se o cozinheiro estava bem.

Hoje eu sei o motivo da catástrofe, mas naquele dia, tudo foi inesperado. Coloquei a quantidade de arroz na água, na medida certa, conforme aprendido. Só que a panela era menor do que havia usado em casa. O problema todo foi ter achado que não faria diferença. Puro engano!

O arroz começou a crescer e sair da panela, escorrendo para o fogo... Então, peguei outra panelinha e retirei um tanto de arroz e coloquei ao lado da maior, para ir cozinhando. Mas, tive que usar uma outra panelinha, pois continuou crescendo. E não foi suficiente. Peguei outra panelinha com a Patrulha vizinha e procedi da mesma forma. No final, havia uma panela central e alguns satélites em volta, tudo cozinhando.

Eu já me sentia melhor, achando que tinha resolvido o problema e, quando achei que o almoço estava pronto, as linguças fritas e aceboladas, o frango cozido, mandei que a Patrulha desse seu “Grito de Guerra”! Todos com os pratos e talheres nas mãos, fazendo aquele bate prato, aguardando a chegada do chefe que iria almoçar conosco e, àquela hora, já reclamando da demora. Todos sabem que em acampamento a fome é maior que o normal.

O chefe chegou e mandou servir a comida. Então, foi uma decepção! Havia arroz que se podia chamar de normal, arroz papa, arroz cru e arroz queimado. Tudo isso à gosto do freguês. Uma variedade enorme para todos os paladares mais requintados.

Misturado com os legumes, pedaços de frango e as linguiças, até que algumas das opções não ficaram tão ruins, mas eu mesmo não queria comer, pois, o aspecto ficou pior que o sabor...

A Patrulha comeu por dois motivos: primeiro a fome, pois já eram quase duas horas da tarde e segundo, para a Patrulha não perder pontos. No fim, tive que almoçar para tentar abrandar o resultado da minha etapa de cozinha.

Resultado? Meu chefe era demais! Entendendo meu sufoco, me aprovou, passando na etapa, e até hoje nunca mais cozinhei.

Acredito que ele me aprovou por outras habilidades que possuía, avaliando que se fosse reprovado, iria me desestimular, pois sabia que detestava cozinhar e que era melhor em outros setores, como pioneirias e semáfora, por exemplo.

Certas atitudes nunca mais esquecemos e aprendemos que os chefes devem ser maleáveis, avaliando constantemente seus jovens e motivando-os a continuar na Tropa, pois o caráter é formado de várias facetas e, que todas juntas, formam o bom cidadão! E, no decorrer da vida, poderia aprender a fazer um bom arroz.... Mas nisso ele se enganou, pois nunca mais cozinhei!

O6 – COZINHAR COM ÁGUA DO MAR?

Nem sempre a lógica tem lógica, já dizia um amigo meu... Esse conto é uma prova disso. Eu acreditei em uma “lógica” destas e prejudiquei toda a minha Patrulha em um acampamento em Mongaguá, há muitos anos.

Eu era o Monitor da Patrulha Gavião (nesta época o Grupo era da modalidade do ar) e fomos acampar com toda a Tropa compostas das Patrulhas Gavião, Águia, Falcão e Condor, na praia de Mongaguá, local que costumávamos ir, pelo menos uma vez por ano. Naquela época ainda funcionava a Estrada de Ferro Sorocabana, com ponto inicial para passageiros, na Estação da Av. Ana Costa, em Santos. Na ida, íamos bem acomodados, pois conversávamos com o chefe da Estação e ele permitia entrarmos na plataforma antes do “povão” que aos sábados era muito grande e colocávamos o material entre os bancos, juntos as janelas onde estávamos sentados. O motivo era simples e tínhamos muita prática. Quando o trem parava na Estação de Mongaguá, metade da Tropa descia rapidamente, pois descarregávamos o material pelas janelas para o pessoal que já havia descido, pegar.

Realmente era rápido este tipo de desembarque, em questão de minuto baldeávamos todo material e mochilas, pelas janelas. Simples, rápido, eficiente e sem falhas. Mas nem quero comentar a volta, pois Mongaguá era meio de caminho e o trem vinha completamente lotado. Um pessoal que voltava de excursões, alcoolizados, cantando músicas imorais e que xingavam nossas mães, quando entrávamos naquele aperto com barracas, panelas, mochilas, bambus etc. Era mesmo uma coisa de louco! Tem que gostar de Escotismo...

Bem, montamos o campo, cada Patrulha distava uns 50m uma das outras e o campo de chefia no centro, com os mastros das bandeiras. Ocupávamos um local de mato, baixo entre a areia da praia e o local que hoje é a estrada. Sanitários, construíamos um, coberto e fechado com lonas, para toda a Tropa.

Mas, vamos ao fato: Com sempre, os acampamentos eram competitivos e nossa Patrulha queria vencer. Estávamos indo bem, até o momento que tínhamos que fazer o almoço. Nosso cozinheiro era bom e havia treinado em casa, com sua mãe, o cardápio que iríamos fazer. Aí, deu-se a grande besteira que eu aprontei: havíamos esquecidos o sal! Vamos pedir emprestado a outra Patrulha? Não respondi, levado pelo orgulho de dar o braço a torcer. Sentia-me humilhado em ter que admitir uma falha da Patrulha. Então, aprofundei mais a besteira, baseando-me na lógica. Estamos acampados na praia, certo? Tem o mar que é água salgada. Vamos cozinhar com a água do mar, decretei. A garotada atendendo o Monitor foi buscar a água salgada e lá foi o cozinheiro fazer o almoço. Um belo risoto, cheio de legumes, azeitonas, quadradinhos de queijo, rodelinhas de salsicha, tomates, ervilhas, palmitos e nem lembro mais o que. Uma delícia!

Delícia? Era o que nós pensávamos! Graças ao meu desconhecimento de cozinha e o orgulho idiota de não pedir auxílio, a comida ficou simplesmente horrível! Já havíamos comido comidas ruins para não perder pontos, mais aquela ficou intragável. Uma maça desforme que nem os ingredientes deram para comer. E sabe qual a nossa maior preocupação? A perda de pontos que fatalmente, iria acontecer, quando daríamos o “Grito de Guerra” da Patrulha avisando que o almoço estava pronto! O chefe iria padecer...

Estávamos muito envergonhados! O chefe deu alguns pontos pela tomada de iniciativa, (pois confessou que não imaginava este resultado e que ele talvez tivesse feito o mesmo) mas na soma geral, terminamos o dia em último! Aprendi que o orgulho não deve existir e que meu ato foi mesquinho, fazendo a Patrulha perder no resultado final do acampamento. Mas sabe qual foi a maior vergonha? A Patrulha foi repartida e almoçamos nas outras Patrulhas. Se tivéssemos pedido um pouco de sal, a catástrofe certamente seria menor! Mas vimos o lado positivo deste ato e o comentamos durante o Fogo de Conselho: A prova que o quarto artigo da nossa Lei, funciona, pois fomos muito bem recebidos nas outras Patrulhas para almoçar com eles e, conforme acredito devem ter combinado entre eles, pois “não tiraram o sarro” em nós, como esperávamos que acontecesse. Ninguém abriu a boca para falar do caso, o que nos deixou bastante à vontade! Nem fizeram esquetes a respeito, no Fogo de Conselho, como é comum acontecer com acidentes desse tipo.

Muito tempo depois, já como chefe da Tropa, entendi por que o chefe ainda deu alguns pontos pelo almoço. Provavelmente, se nada tivesse pontuado, ou tivesse dado “aquela bronca” levaria à Patrulha a um maior desânimo, e nada aproveitaríamos da atividade. Agindo assim, fez com que nós mesmos refletíssemos que a falha foi só no almoço e que podíamos continuar lutando pelo primeiro lugar, pois o restante estava muito bom! Nos outros dias tudo correu bem, com o sal emprestado.

Observando os bons chefes vamos moldado a nós mesmos!

07 – 007 SUMIU

Há alguns anos atrás, porém não muitos e também durante uns três anos consecutivos a Região de São Paulo aplicou uma atividade realizada em uma Escola perto da Av. Paulista, que movimentou bastante o Escotismo naquele período, pela sua simplicidade e eficiência.

Era aplicada por intermédio de “Bases” e cada uma acontecia em uma sala de aula. Bastava ser um assunto interessante que o Escotista, passando por uma triagem, podia se inscrever para apresentar o assunto aos demais. Havia um número limitado de pessoas que se inscreviam para assistir cada Base. Quando completava o número, tinham que procurar outra Base e inscrevendo-se para aproxima rodada na primeira que havia se interessado. A atividade levava o dia inteiro e teve grande sucesso pela sua organização e praticidade. Os assuntos eram muitos e as Bases funcionavam sempre lotadas.

Foi neste ambiente descontraído que fizemos uma brincadeira com um nosso companheiro. Ele é advogado e vinha do seu escritório, ainda de terno e com a inseparável maleta 007. Sempre correndo (hábito de advogados?) Juntou-se a nós para um papo agradável, colocando a 007 em cima do banco, ao seu lado. Em um momento de distração, pegamos a pasta sem ele perceber e a levamos para o guarda-volumes, deixando guardada mediante um cartão numerado.

Sem ele perceber, colocamos o cartão no bolso do paletó e aguardamos os acontecimentos. Depois de algum tempo ele procurou a pasta e não a encontrou. Procurou conosco, insistindo muito e não encontrando, acabou acusando a todos presentes de tê-la escondido. Claro que negamos com veemência, dizendo que ele chegou sem nenhuma pasta e que, provavelmente teria deixado no escritório ou no carro.

Falamos com tamanha convicção que até ele já estava meio inseguro se havia mesmo, trazido a pasta. Mas continuava a nos acusar...

Ele reclamava com vários argumentos insistindo que havia documentos importantes de clientes, na pasta e nós insistindo que não vimos pasta nenhuma. Já estava ficando na dúvida quando, por acaso, enfiou a mão no bolso e pegou o cartão do guarda volumes. Ficou intrigado e resolveu ir até a sala dos guardados apresentando o ticket numerado à chefe que estava lá.

Não é que, para sua surpresa a moça entregou a pasta! Aí então, caímos em cima dele, com toda gozação possível, dizendo que ele nem sabia mais o que estava fazendo... Que não era um advogado confiável pela memória fraca que possuía. Nem sabia o que fazia, e outras tantas brincadeiras...

Tomamos essa liberdade com ele, pois sempre foi um “gozador” que estava sempre brincando com os companheiros. Na realidade, continua o mesmo; uma pessoa de gênio alegre e participativo. Nunca o vimos aborrecido de verdade. Como éramos muitos que estavam conversando com ele, mantivemos nossa afirmação, não dando chance de ele identificar o autor que armou a “pegadinha” com ele.

No final, já de posse da “companheira de trabalho, a famosa 007” topou a gozação e divertiu-se com o acontecimento, ameaçando a todos que haveria revanche, um “troco” meu merecido. E, para variar, ninguém acreditou...

Só posso dizer que até hoje ele não sabe quem arquitetou a brincadeira.

08 – LOBINHO DIZ CADA UMA... (1)

Lobinho é a faixa etária mais jovem do Movimento Escoteiro, que atende dos 6,5 anos até completar os 11 anos, e como tal, é criança... E, crianças, às vezes, nos colocam em “cada fria” seja você Escoteiro ou não! Vejam só: Certa vez, o Comissário Distrital, (que Deus o tenha), veio fazer uma visita de rotina em nosso Grupo, 55º Morvan – Santos/SP.

Sempre o recebíamos bem, pois além de ser a autoridade responsável pela área do litoral, era uma pessoa queridíssima de todos, pela sua postura e conhecimento. Após os cumprimentos de praxe, eu o acompanhei até perto de uns chefes do nosso Grupo para cumprimentá-los. Na época, nós éramos responsáveis pelos cursos escoteiros de toda a área do litoral e ele vinha marcar conosco um Curso Preliminar, que, como de costume, era realizado na sede do 234º Grupo Escoteiro do Ar São Vicente, local adequado para tal evento.

Ao aproximar-se do grupo de Escotistas, o Comissário cruzou com uma Lobinha, que na época deveria ter uns sete anos e cumprimentou-a entusiasmado, pois era uma gracinha de menina, que prontamente respondeu: “Melhor Possível!”.

O Chefe, vendo a receptividade da menina, perguntou carinhosamente: “Quantos anos você tem?” Aí, deu-se a “catástrofe” com sua resposta pronta e num som que todos escutaram: “Só tenho um ora bolas”!

O constrangimento foi geral... Ninguém sabia a onde esconder a face... O silêncio era total! Eu e o Comissário tentamos falar alguma coisa, mas, não encontrávamos palavras adequadas... Parece que nenhuma servia!

Hoje, essa Lobinha é uma advogada de prestígio em Santos. Ela permaneceu no Grupo até Pioneira, afastando-se quando entrou na Faculdade de Direito e após a formatura, não mais retornou, para nossa tristeza.

Embora raramente recebêssemos sua visita, nos trata com muito carinho, quando a encontramos pela cidade. Não cansa de elogiar o Grupo e o Escotismo e com certeza receberemos seus filhos, quando chegar o momento certo. Certa vez em que nos encontramos, tivemos a oportunidade de lembrar esse episódio. Rimos muito e reafirmamos com experiência própria que “criança diz cada coisa”...!

09 – LOBINHO DIZ CADA UMA... (2)

Certa vez, nosso Grupo participava de um Raly Distrital que era realizado na sede do 250º Grupo Escoteiro Mario Brasil Espósito, que estava sitiando em uma escola municipal.

Como o evento era Regional, realizado por Distritos, havia aproximadamente uns 300 Lobinhos, das Alcateias dos Grupos da Baixada Santista. Nosso Grupo tinha três Alcateias e estavam quase todos.

As Escotistas do ramo, todas fantasiadas, divertiam a criançada, executando o programa regional. Estava realmente muito bonito! Cada fantasia diferente da outra, confeccionadas com muito carinho. Algumas chefes até alugaram nas casas especializadas.

Muita música, iluminação, cenários diversos, cada um representando uma parte do programa, montando um Sistema de Bases de rotina, na qual, dirigidos por uma forte sirene, as Alcateias trocavam de bases, vivenciando uma nova história com personagens diferentes.

De tempo em tempo, havia um toque de apito para interromper por um curto espaço de tempo, tempo esse que se destinava a ida ao sanitário, beber uma água e um rápido descanso.

Num desses intervalos, os chefes de outros ramos que estavam cuidando da logística, se reuniam em grupos para comentarem a atividade e ver se tudo estava correndo como o planejado.

Nisso, alguns Lobinhos se juntaram a nós e, na brincadeira, algumas chefes fantasiadas, vinham cutucar os Lobinhos para voltarem à suas Alcateias, quando um dos Lobinhos chamou a chefe pelo nome. Então eu perguntei: “Como você sabe que é ela, se está de máscara”? “Veio à resposta inteligente: “Reconheci pelo relógio” Ela não tirou do pulso”! Elogiamos o Lobinho dizendo ser ele um bom observador, quando chegou outra chefe fantasiada.

Aí, eu caí na besteira de perguntar a ele se sabia o nome dela! Bem, ficaram todos à espera da resposta do Lobinho, inclusive ela.... E ele, sem pestanejar, disse o nome dela. Então, todos perguntaram como ele a identificou e veio à resposta infantil, que peço a todos que me perdoem, mas vou repetir tal qual ele respondeu: “Pelo tamanho do b.....”! E, mais uma vez, o Lobinho tinha razão... Mas, nos deixou com aquela cara!

10 – LOBINHO DIZ CADA UMA... (3)

Mas uma vez, em outra história verídica, um lobinho da nossa Alcateia, nos deixa em uma situação constrangedora.

Para situá-los na história, o fato aconteceu na época em que éramos da modalidade do Ar e o Grupo Morvan, chamava-se 11ª Associação de Escoteiros do Ar Morvan Dias Figueiredo. Já fazia algum tempo que estávamos na União dos Escoteiros do Brasil, pois inicialmente em nossa fundação, pertencíamos a Federação Paulista de Escoteiros do Ar.

Nesta época, creio que por volta de 1960, estávamos sediados à Rua Campos Mello, 130, na Escola Docas de Santos, gentilmente cedida pela Associação Docas de Santos, em um barracão que existia no fundo do palco da escola.

Nossas reuniões normais de sede aconteciam aos sábados à tarde, dentro do horário das 14 horas às 18 horas. No início nossas reuniões eram sábados à tarde e domingo pela manhã, até ao meio dia! Depois, suprimimos o domingo.

Interessante como lembrar um fato, acabamos nos lembrando de outros. Dava um trabalhão danado preparar o pátio externo da escola para as reuniões. Colocávamos os mastros no canto do pátio, fixados com tirantes e espeques, os monitores levavam as caixas de Patrulhas e seus quadros de adestramento (nome da época) e um calhamaço de material e montavam seus “Cantos de Patrulha” entre duas árvores, pois pátio era cercado de árvores. Bem, mais isso já é outra história...

Eu era o Chefe da Tropa de Escoteiros e meus assistentes eficientes e aplicávamos o Sistema de Patrulhas como manda o figurino...

Havia terminado de fazer uma Corte de Honra Técnica sobre amarras! (se não me falha a memória) e os monitores iriam repassar o ensinamento para suas Patrulhas e os Assistentes aplicariam um jogo para “cobrar” o que os monitores ensinaram.

Nesta folga entre os adestramentos, o Chefe de Grupo (na época), me chamou para uma rápida reunião convocada pelo Presidente. Estavam presentes alguns diretores, e mais uns três pais que faziam parte do Conselho de Pais do Grupo.

Estávamos sentados em dois bancos, um de frente para o outro, no pátio coberto da escola, ouvindo com atenção o assunto urgente que o Presidente precisava da opinião e decisão da Diretoria.

Em determinado momento, percebemos que um lobinho estava ao nosso lado, calado, esperando uma “brecha” para interromper a conversa e tomamos a iniciativa de perguntar o que ele desejava. Aí, então aconteceu a catástrofe!

Disse o lobinho, dirigindo-se a minha pessoa: “Chefe, uma Chefe de Lobinhos está chamando o senhor, com urgência”!

Como eram cinco chefes na Alcateia, eu caí na besteira de perguntar qual era e ele respondeu prontamente sem pestanejar:

“Eu sou novo e não sei o nome dela, mas é aquela que parece um rato”...

Ficou aquele silêncio, um olhando para o outro, tentando disfarçar, mas a verdade é que aquele lobinho conseguiu constranger a todos os presentes, homens vividos e experientes. Ninguém sabia o que falar para romper aquela situação de desconforto.

Eu era o único que tinha uma saída “honrosa”, pois era a minha pessoa que havia sido chamado e, o mais rápido possível e que logo que reassumi o domínio sobre as minhas pernas, pedi licença e me retirei, deixando para aqueles que ficaram procurar a saída para a situação.

Vocês talvez não entenderam o porquê do constrangimento e nem poderiam adivinhar.... Vou deixar o suspense para lá e colocar fim ao mistério:

O pai da chefe cara de rato estava participando da reunião pois era um diretor do Grupo, um grande colaborador, a ponto de ter sua filha conosco.

O pior eu vou contar agora: Não é que o lobinho tinha razão! Ela foi identificada prontamente por todos e provavelmente esse fato é que gerou todo constrangimento. Não havia dúvidas era mesmo a filha dele!

Lobinho diz cada uma!

11 – A FORÇA DE UM CARTAZ

Recomenda uma das regras de um palestrante que ele não deve chegar “em cima da hora” para ministrar sua palestra, pois desconhece o que foi dito antes pelos outros palestrantes que formam a equipe do curso.

Aconteceu um fato que robustece esta afirmação. Estávamos no Campo Escola Jaraguá, ministrando um curso para iniciantes na Equipe de Adestramento, (hoje, Equipe de Formação), denominado CA0 (Curso de Adestradores Zero). Preparava o Escotista que era IM para dirigir Cursos Preliminares e Técnicos. O objetivo do curso era ensinar as técnicas básicas de ensino, entre elas, como fazer cartazes, (papel indicado, cor do papel, tamanho, cor e racionalidade do texto, distribuição no espaço), etc. como também a postura pessoal, entoação de voz e gestos adequados. Vários assuntos de real importância para quem está iniciando na formação de adultos.

O curso transcorria muito bem e o Chefe Walter Dohmé estava terminando justamente a palestra de como montar um cartaz bem feito, repassando com clareza tudo o que o palestrante desejava transmitir. A palestra foi um show, pois Walter era profissional da área, publicitário e proprietário de uma Agência de Propaganda & Marketing.

Neste momento, “em cima da hora” chegou o Escotista que iria dar a palestra seguinte, afobado, pedindo uma folha de papel para fazer um cartaz para a sua palestra. Além de chegar tarde, veio sem o material de apoio, no caso dele, seu cartaz. Já estávamos preparados para entrar no lugar dele, mas não aceitou, fazendo questão de dar o tema, pois se invertesse a ordem, ele sairia mais tarde e já teria compromisso agendado.

Pedi que fizéssemos um intervalinho para um cafezinho que ele faria o cartaz, pois o assunto ele dominava. Assim foi feito.

Então, logo após, ele sinalizou que estava pronto. Chamamos os alunos e o apresentamos: DCIM, Mestre, NBA, Professor Docente da Cadeira, Pós Graduado “nisso e naquilo”, e mais alguns títulos que embasavam sua condição de Professor de Pós Graduação da USP !

Com essa recomendação, você estaria tranquilo, não é? Nós também!

Quando ele colocou no tripé o cartaz da sua palestra, iniciou-se um “zum, zum, zum” na sala e um sorriso, inicialmente disfarçado que acabou se transformando em uma risada geral. Ele não entendeu e, no mínimo pensou que fosse uma saudação amistosa dos alunos...

Bem, o cartaz que ele expos, era exatamente o que o Chefe Walter havia recomendado que não fosse usado! Feito em papel rosa de embrulhar (aqueles rolos que se usa nas

lojas) e era escrito com pincel atômico de cor amarela, não se enxergando nada, contribuindo ainda mais para o desastre, as letras muito pequenas e quase ilegíveis, mais parecendo “letra de médico” (que estes me desculpem), com muita informação junto e amontoado.

Até pensamos em interceder ou avisa-lo de alguma forma, ou mesmo, no final, dar uma conotação que foi feito de propósito, como parte do ensinamento da palestra anterior, provando o que foi dito, mas após conversarmos entre a equipe, achamos que iria deixa-lo constrangido e o pior; seria uma forma clara de querer “enrolar” os alunos e encobrir um erro com outro.

No final da noite, alguns alunos nos perguntaram e conversando com eles, confirmaram que foi melhor não ter evidenciado o fato no momento da palestra.

O responsável da área de Adestramento ficou de conversar pessoalmente com ele para evitar que tal fato se repetisse, mas infelizmente, já havia tomado conhecimento por intermédio de alguém, do fora que havia cometido.

Não sabemos se foi por esse constrangimento ou outro motivo, mas logo após, deixou o Movimento e disse, em conversa com outros Escotistas, que não pensava em retornar.

Mesmo com esse acontecimento, foi uma pena, pois possuía várias outras qualidades e o que aconteceu, poderia ter sido contornado, frente à amplitude que o Escotismo oferece...

Esperamos que, pelo menos, que tenha servido de alerta para outros Escotistas, pois o fato foi comentado durante alguns anos. Nunca mais o vimos, mas a sua atitude continua sendo lembrada em alguns cursos, exatamente como “aquilo que não deve ser feito”!

Às vezes, se não ficarmos atentos, entramos em “uma fria”!

12 – UM BANHO DE SANGUE

Não é para assustar ninguém, mas que assustou, assustou! Estava chegando à data do nosso Acampamento Geral tradicional, denominado “ADESTRO” que realizamos anualmente nos feriados de finados, como a última atividade externa, do ano.

Preservávamos os dois meses seguintes para a garotada se concentrar mais nas provas finais, fazendo apenas reuniões de sede. De qualquer forma era o “pico” do ano, o ponto alto do ano escoteiro, considerada “a festa de formatura” pela importância destacada que dávamos a este evento. Basta se disser que vamos para o 32º ADESTRO, nome este que é o diminutivo de “Adestramento”!

Bem, a história se passa no 12º Adestro, e deixou marcas jamais esquecidas... Esta atividade, em que as três Tropas do Ramo Escoteiro e as duas do Ramo Sênior, acampavam e as três Alcateias acantonavam, tinham como objetivo cobrar todo adestramento ensinado durante o ano, o que fazíamos através do programa “Posto de Trocas Canadense”. Para isso, contávamos com toda chefia, pioneiros e alguns pais. Geralmente todos jovens mudavam de classe e ou tiravam Especialidades. Seria mais ou menos como um exame final. Também era apurada a Matilha e a Patrulha campeã do Adestro e a Campeã do Ano, por seção, que recebiam um bonito troféu de posse transitória em que era gravado o nome da Patrulha e de seu monitor, ficando para a posteridade, guardado na Sala de Troféus do Grupo, para que hoje, pudesse ser mostrado aos filhos dos vencedores daquela época! Tradição é tradição!

Outro ponto alto é que fazíamos a Jornada de 1ª. Classe neste acampamento, normalmente uns oito Escoteiros, saindo em duplas, em cada período. Partiam do Sítio Vale das Flores, de propriedade de um chefe e retornariam ao Sítio após 24 horas, com pernoite em barraca, cumprindo as tarefas determinadas e fazendo o percurso de Gilwell, pegadas de gesso, entrevista com moradores, boas ações no percurso, identificação de estrelas, comida mateira, objetos escondidos a tantos passos etc. etc. Um desafio com muita aventura!

Por causa desta Jornada, teríamos que repintar os sinais de pista novamente, pois quando percorrermos a trilha trinta dias antes, verificamos que a companhia de eletricidade havia retirado todos os postes de madeira de uma parte do percurso e substituído pelos postes de cimento. Com isso, foi junto um grande número de sinais. Tínhamos que refazê-los e rápido.

Como eu residio em São Paulo/Capital (embora o Grupo seja de Santos/SP) coube a nós, eu e minha esposa Lenita, a tarefa de refazer os sinais, já que nós sempre fazíamos esta tarefa. Então, como de costume foi programado.

Lenita passava no meu consultório às 11,30 horas, levando uns sanduiches e um litro de refrigerante. Eu já a esperava, levando uma lata de um quilo de tinta esmalte vermelha e um pincel para a pintura. Comíamos o lanche (que seria o almoço do dia) e iríamos realizar o percurso, pintando novos sinais e revisando os que permaneceram e já estavam gastos. Teríamos tempo até às 14 horas, pois a agenda de pacientes estava

sempre completa. Teríamos que ser rápidos, inclusive verificando os sinais de objetos deixados para ver se o local ainda atendia as necessidades.

Lenita dirigia o carro, parando junto aos postes que determinávamos a necessidade de pintar o sinal de pista. Fácil, não acham? Corrido, porem fácil!

Até que paramos em um poste que entre ele e a guia da rua havia um pequeno córrego, de um metro aproximadamente de largura e uma profundidade de uns 0,70 cm cujas paredes eram feitas de pedras sobrepostas, de ambos os lados.

Achei que a posição mais fácil seria abrir a perna esquerda por cima do canal apoiando em uma das pedras e a perna direita manteria do lado da rua, também apoiado em uma pedra, ficando com o canal entre as duas pernas. Com a mão esquerda segurava a lata e com a mão direita, molhava o pincel na tinta vermelha e ia pintando no poste, os sinais, de aproximadamente uns 0,40 cm.

Mas (sempre tem um mas...) talvez por que já estivesse cansado de pintar vários sinais debaixo de um sol escaldante das treze horas, fui apesando o serviço. Estava pensando que tinha de retornar ao consultório, fazer uma higiene pois, transpirava bastante, quando aconteceu o inesperado: a pedra abaixo do meu pé esquerdo se deslocou e levei um escorregão para traz, me contorcendo para evitar cair no riacho.

Só que está manobra abrupta fez com que eu entornasse no meu peito, camisa e calça, mais da metade da lata de tinta vermelha. O detalhe é que eu estava vestindo branco, roupa típica da minha profissão, tornando o vermelho ainda mais vivo.

Quase imediatamente, parou um carro e quatro pessoas desceram para me socorrer, perguntando se era tiro, ou se o carro que me atropelou fugiu. E assim, sucessivamente, começaram a parar veículos para socorrer, querendo me levar para o Pronto Socorro, solicitando dados do carro que me atropelou, e se alguém havia anotado a chapa etc. Um pandemônio! A tinta já escorrendo para dentro das cuecas e eu sem ter com que limpar. Como iria sentar no estofamento do carro, foi o meu primeiro pensamento!

Quando agradecia pela atenção de todos, explicando o que havia acontecido, paravam outros e as perguntas se repetiam.

Pedimos licença e nos retiramos direto para casa, perdendo à tarde de trabalho.

E, vocês sabem o pior? Ainda tivemos que voltar outro dia para terminar o serviço que faltava, pois a Jornada é o ponto alto de alguns jovens e tinha que ser muito bem feito. Perder a camisa, a calça e a cueca, foi o de menor importância...

O que valeu mesmo foi como história hilariante para o Fogo de Conselho!

13 – PRENDAM SUAS CABRAS

A coeducação estava em plena implantação! Como sempre acontece quando se mexe em conteúdo, organograma ou imagem, a discussão estava pegando fogo! Muitos apoiavam a ideia de ter meninas no Escotismo, povoando alcateias e tropas que, até agora, somente tinham meninos. As escolas tipicamente masculinas já admitiam a coeducação, recebendo meninas e moças, indo de encontro a tradição de muitos anos. Até nas forças armadas já havia mulheres! Mas no Movimento Escoteiro era novidade, pois as moças só eram admitidas no Ramo Lobinho e exclusivamente na chefia e maiores de idade.

Outros eram taxativamente contra, baseando-se no livro de Baden Powell “Escotismo Para Rapazes”. Achavam um absurdo as meninas nos acampamentos, principalmente na faixa etária de adolescente, imaginando antecipadamente com certeza, os problemas que teriam.

Alguns mais radicais deixaram o Movimento Escoteiro, quando a coeducação foi aprovada, prevendo o “fim do mundo” ou mais falado “o fim do escotismo”! Mesmo a forma atenuada de coeducação oferecendo como opção as Alcateias e Tropas femininas paralelas às seções tradicionalmente masculinas, embora fosse de tendência conciliatória, não contemplou a todas as opiniões.

Cada Grupo Escoteiro consultava os pais de seus jovens e, em votação no Conselho de Grupo (atual Assembleia), decidiam se adotariam a coeducação e se adotada, se as seções seriam mistas ou paralelas. Havia alguns Grupos Experimentais, em vários estados do país e seus relatórios apontavam o êxito da coeducação, recomendando sua oficialização no Escotismo Brasileiro.

Havia uma série de pré-requisitos, pois tinham que adaptar as sedes para receberem as meninas, chefes do sexo feminino eram fundamentais e em número suficiente e preparadas nos cursos, até agora, essencialmente masculinos, inclusive coisas básicas, como sanitários femininos.

Tudo isso foi posto para que vocês tenham uma ideia do clima reinante naquela época, realmente muito tenso e repleto de incertezas e opiniões contraditórias. Cada um imaginava o futuro que sua experiência determinava. Tudo suposição.

Em um dia festivo de um Grupo, estava marcado um Fogo de Conselho Distrital e estava repleto com a participação de vários Grupos, convidados e familiares. Já estavam discutindo o assunto enquanto aguardavam o início e alguns já com o ânimo exaltado. Para evitar um possível confronto o chefe que ia dirigir o Fogo, um senhor bastante experiente e vivido em idade e Escotismo, deu início a cerimônia. O tempo foi passando

e os presentes se divertindo bastante com as esquetes e canções, as apresentações dos Grupos, aplausos diferentes e as típicas brincadeiras, quando esse chefe, referindo-se a coeducação, disse uma frase muito infeliz, num momento inoportuno, achando que a brincadeira iria amenizar o clima. Falou uma frase muito antiga que todos conhecem, mas que acabou causando um grande tumulto: “Prendam suas cabras que os meus bodes estão soltos”! Prá que foi dizer isso...? Algumas mães tomaram as dores e partiram para a discussão, falando alto palavras ofensivas, dizendo que iam tirar suas filhas do Escotismo, que os chefes não estavam preparados, etc. etc.

O chefe em questão procurava-se desculpar com toda humildade e educação, dizendo que não era intenção de ofender, e que ele sempre ouviu aquela frase, que era comum nas conversas sobre educação, etc. etc.

O resultado é que ele teve que encerrar o Fogo de Conselho, enquanto todos procuravam contornar a discussão, pois queriam até fazer B.O. na Delegacia de Polícia. Foi uma atividade complicada e sinceramente, temos a certeza que a maldita frase, não foi dita com a mínima intenção de ofender ninguém.

Hoje, em nossas vidas escoteiras, temos presente a coeducação e, como todos já estão acostumados com garotas no Escotismo, aceitam e convivem muito bem, como também nas escolas que já foram unissex e na grande maioria das associações que educam jovens em convivência harmoniosa.

Problemas sempre existiram e continuarão existindo, cabendo aos chefes e pais administrarem esta convivência, determinando comportamentos adequados para as atividades escoteiras.

14 – UM GRANDE SUSTO

Às vezes a vida nos reserva surpresas... E não tão raro, grandes sustos...

Estávamos com dezessete anos, eu e dois amigos inseparáveis. Nos dois éramos do mesmo Grupo, o Morvan, e o terceiro era do G. E. do Mar São Jorge, que na época funcionava no Colégio Tarquínio Silva, no bairro de Vila Mathias, em Santos, perto da garagem dos bondes. Ambos, o Grupo e o Colégio não mais existem. O Grupo fechou por que o chefe voltou para Portugal e o Colégio mudou de nome, hoje é uma Faculdade.

Nós o chamávamos de “Pato D’água” e nos dávamos muito bem. Nossos chefes, nem tanto, mas nós não tínhamos nada com isso. Saímos juntos em passeios fora do Escotismo, e chegamos a ir viajar para o Rio de Janeiro, em férias de uma semana. Enfim, nos divertíamos juntos dentro e fora do Escotismo.

O tempo foi passando e eu me afastei dos dois quando entrei na Faculdade de Odontologia, na cidade de Lins (Cidade das Escolas) distante de Santos onze horas de ônibus. Eu ia para São Paulo e lá pegava o ônibus para Lins. Havia apenas a Empresa Reunidas, com quatro viagens diárias. Naquele tempo não havia a Via Castelo Branco e o ônibus ia por Piracicaba ou Botucatu, cuja serra era um fator preponderante para levar nove horas de São Paulo até Lins.

Um deles foi fazer Direito e é Advogado até hoje! O outro amigo deu-se bem na carreira bancária e foi transferido de Santos e então, perdemos o contato. Aliás, a vida nesse corre-corre para sobreviver, acabaram por nos afastar.

Mas vamos ao fato. Estava no segundo ano da Faculdade quando recebi com atraso de uns três meses, a notícia que o “pato d’água” havia falecido em um desastre de automóvel. Uma coincidência, pois o pai dele era vereador e também havia falecido de desastre. Lamentei muito e resolvi que não adiantava ir à Santos, após todo esse tempo!

O tempo foi passando, casei, tive duas filhas e continuei no meu Grupo de origem, nessa época, sediado na ADPM no canal seis, na Ponta da Praia – Santos.

De vez em quando, eu e alguns amigos, falávamos do “pato” com saudades, nada além disso. Lembranças de um passado muito bom.... O bancário também havia casado e não conseguimos ir no casamento, pois por incrível coincidência, casamos no mesmo dia, ele em Santos e eu no Rio de Janeiro! Ele já não residia em Santos e daí em diante, iniciou nosso afastamento. Coisas da vida!

Um belo dia de reunião na sede, fiquei petrificado! Vi, entrando pelo portão da sede, um jovem senhor, trazendo pela mão um garotinho falando com um diretor que desejava por o filho no Escotismo. Chegando mais perto, não tive dúvidas: era o “Pato D’água” bem vivo e falante.

Foi um reencontro marcante, pois estávamos atrasados muitos anos... Ele contou que havia falecido um homônimo dele e fez da sua vida um inferno! Teve que provar que estava vivo, que não era dono de uma dívida enorme, etc. etc. etc. No dia da “sua” morte, até várias coroas de flores sua mãe recebeu em casa...

Teve que reativar seus documentos, tirar seu patrimônio do inventário e outros problemas inerentes da situação. Ainda bem que era advogado e não tinha essa despesa. Também já havia casado e divorciado, estando em segundo casamento.

Soube que ele tinha feito o divórcio do “bancário” e que estava casado novamente e morando em outra cidade, mudando quando o banco solicitava.

Colocando o filho em nossa Alcateia, voltou ao Movimento, como Presidente do Conselho de Grupo (conforme nomenclatura da época) por umas três gestões, e a seguir foi Comissário Distrital de Santos e Baixada Santista.

Em ambas as funções saiu-se muito bem e continuou conosco até o filho desistir durante sua época de sênior, desestimulando-o a continuar sem o filho. Nesse período voltamos a sair juntos, em família e com o Grupo, mas sem o filho, acabou também deixando o Escotismo e hoje raramente nos vemos. Mudamos muito e ele nem parece o mesmo, aquela pessoa alegre e brincalhona. O Escotismo está fazendo muita falta a ele, um “tirador de sarro” nos companheiros.

A vida nos envelhece, mais ainda, se não tivermos o Escotismo para participar, alegrando-se com jogos, canções e um alegre Fogo de Conselho!



15 – SÓ TEM LOBO BOM, BOM, BOM...

Outra história interessante se passou comigo no C.A. Lobinho a qual tive dúvidas por muito tempo, se deveria contá-la, pois foge um pouco dos padrões normais. Enfim, como já fazem anos, vou conta-la...

O curso aconteceu no Colégio Metodista, aqui em São Paulo, na Chácara Flora, no ano de 1979. Era o primeiro curso seccionado em três fins de semanas, que iria servir de curso “piloto” para que esse sistema pudesse ser adotado ou não. Estávamos bem alojados, em um quarto para os rapazes e outro para as moças, ambos bem grandes, com camas e colchões. As camas situadas em filas, lado a lado, com um criado mudo separando, junto a parede, ficavam de frente para as outras camas, na parede frontal. Entre as duas fileiras havia uma ampla janela, que iluminava todo o espaço, com uma vista muito bonita para o jardim.

Tudo corria tranquilamente, quando um dia, ao chegarmos ao alojamento após o hasteamento, para trocarmos de roupa, tirando o uniforme e colocando uma roupa mais própria para jogos, qual foi a nossa surpresa ao verificar que nossos pijamas estavam todos amarrados, unindo pernas e braços, formando uma corrente, uma “grande Kaá”. Diga-se: muito bem amarrados com nó direito tendo sido difícil desamarra-los.

Chegamos a conclusão que só podia ter sido uma brincadeira da Equipe. Mas com isso, estava declarada a guerra! Ninguém reclamou e ficamos aguardando nossa vez... Como eu já era IM do Ramo Escoteiro fui escalado para dar o “troco”. Sabem como é: os outros tinham algum receio de serem reprovados e sobrou para minha pessoa, a revanche.

Durante a semana que antecedia a segunda parte do curso fui a uma loja de Mágicas e comprei um pacote de balas c/ Azul de Metileno, aquelas balas que ao chuparem deixa a boca toda azul, canto dos lábios, língua, gengivas e dentes. Difícil de limpar, só saindo após algumas horas, tornando-se um problema.

Chegávamos no curso na sexta feira à noite e após uma sessão não muito longa, íamos dormir. Pela manhã, executamos o plano de vingança: colocamos o pacote de balas estrategicamente no parapeito da janela, entre as duas fileiras de camas, para que o dono não fosse identificado, o que aconteceria se deixássemos no criado-mudo ao lado da cama. Fomos logo para o refeitório tomar o café da manhã, com aquele olhar matreiro, esperando pela Equipe. Veio a ordem para tomarmos o café sozinhos e irmos para o local dos mastros para o hasteamento.

Passava o tempo e a Equipe não chegava... Até que não teve jeito e, um a um, vieram chegando, bastante sérios. E nós, esperando alguém falar alguma coisa. Quando tiveram que dar a ordem para iniciar, a cor azul era destaque na boca de toda a Equipe. Alguns procuravam disfarçar, falando com a cabeça virada, mas não teve jeito. Foi divertido assistir o constrangimento deles.

Mas não ficou só aí... Comprei cigarros explosivos sem ninguém saber e, enxertava cigarros no maço dos fumantes, sem eles perceberem e, de vez em quando, aleatoriamente, um cigarro explodia, dando um susto em todos.

Outro fato marcante deste curso foi que nós, da Matilha Marrom, “bolamos” uma pequena paródia, que não era um Grito de Guerra, pois no Lobismo isso não existe e, muito curta para ser uma canção e toda vez que a Alcateia era chamada, nos cantávamos assim: “Marrom, Marrom, Marrom! É a matilha que só tem lobo BOM, Bom, Bom, bom. bom!” Diminuindo a altura do som do Bom até sumir. Isso aconteceu o curso inteiro!

O Diretor do Curso, levava seu filho pequeno para o curso e em casa, ele cantava o tempo todo a musiquinha da Matilha Marrom. Foi marcante que até hoje ele relembra esse fato, dizendo que já não aquentava mais ouvir a semana inteira, o dia inteiro!

Entre tantas coisas boas para nos recordarmos, aqui vai mais uma: logo após o encerramento do curso, coloquei a minha IM e na brincadeira, disse aos cursantes que o Diretor estava entregando a IM para aqueles que já tinham feito a parte 1 da IM (o famoso caderno) e lá foram alguns pegar a sua IM com ele. Mais uma pegadinha do curso.

A “Reunião Especial” foi divertidíssima! Representamos “A Vida em Uma Caixa de Costura” , na qual éramos agulhas, dedal, carretel de linha, tesoura etc. cada vez que um personagem entrava em cena, cantávamos uma música para ele.

Mais uma vez o Escotismo tece em nossas vidas, momentos de felicidade e que muitas vezes só vamos perceber com o passar do tempo. Vejam a coincidência do destino: fiz o meu curso da IM Escoteiro com o Walter Dohmé e o destino fez com que fizesse o curso da IM Lobinho, alguns meses depois, com a sua esposa Vania Dohmé, ambos na mesma Matilha Marrom, fortalecendo ainda mais a amizade que havia iniciado com o Walter, consolidando agora com a Vania. Tínhamos que ser amigos, não havia alternativa.

16 – SERÁ QUE MORRI E NÃO SEI?

Coisas interessantes acontecem no mundo a todo o momento e no Escotismo não poderia ser diferente. São histórias que, certamente, pela quantidade e conteúdo, daria para escrever vários livros. Esta é mais uma história em que presenciei e nunca mais esqueci.

Fomos convidados juntamente com outros Escotistas para um churrasco com o Comissário Regional de São Paulo, daquela época, na residência de seu filho, na Grande São Paulo, um bonito e confortável sobrado, com um quintal no qual estava a churrasqueira. Estávamos conversando animadamente, quando na alegria do acontecimento ele, após tomar dois copos de cerveja (realmente dois copos) resolveu ir tirar uma soneca para readquirir as forças.

Procurou o repouso na cama de seu neto, um garoto ainda novinho, e foi deitar-se. Isso era umas quinze horas aproximadamente. Ainda estava um belo dia, claro, sem nuvens e fazia um sol muito forte.

Eu, minha esposa e os outros convidados, continuamos no local, conversando animadamente. Todos vocês sabem que falar sobre Escotismo pode ocupar dias à fio, pois sempre tem assunto para comentar. Nós permanecemos no local, pois atendia as nossas necessidades: conforto, churrasco e cerveja.

Com isso as horas foram passando e a noite se aproximando, quando ele chegou todo aflito, com a respiração ofegante, precisando tomar um copo d'água com açúcar... Após algum tempo, agora já mais calmo, nos relatou o seguinte fato:

Deitou na cama do neto e adormeceu quase que imediatamente. Ainda estava claro e com sol forte. Acordou lentamente quando já estava escurecendo e, naquela situação de mais dormindo do que acordado, olhou para o teto, e se viu no meio de estrelas e planetas muito luminosos! Sem dominar ainda aquele momento, imediatamente pensou que havia falecido! Tocou o próprio corpo, observou o céu acima de sua cabeça e concluiu realmente que havia falecido.

Com incrível coincidência ele havia sido vítima de um enfarte há uns meses atrás, tendo escapado por pouco, contudo sem apresentar sequelas. Foi considerado um caso de muita sorte e que permitia ele levar uma vida normal, com algumas recomendações e remédios.

Enfim, levou algum tempo para despertar completamente do sono e reconhecer que estava no quarto do neto. Depois tomou conhecimento daquela noite “estrelada” que até então desconhecia. Seu filho, na semana anterior, havia decorado o teto e as paredes do quarto com aqueles adesivos autocolantes e luminosos, de estrelas de vários tamanhos e diversos planetas, que estava na moda para decorar os quartos das

crianças. Seus filhos haviam atendido ao pedido de seu neto. Realmente deixava mais alegre o ambiente, enfeitando quartos da criançada, imitando o aspecto de um céu estrelado.

Este fato, naquele estado de sonolência, quase sonambulismo em que estava mais dormindo do que acordado e, somando-se ao fato de já ter tido um enfarte, causou grande impressão no nosso amigo, decretando por alguns minutos, sua morte prematura.

Esta é mais uma história verídica que, somadas a tantas outras, constroem paralelamente a alegria daqueles que vivem o Escotismo por muitos anos e que certamente, não constarão na História do Escotismo!



17 – VOCÊS É QUE SABEM...

Certas situações nos apanham de “calças curtas” nos deixando “mais por fora do que joelho de Escoteiro!”. São termos que usamos no Escotismo e que tentam identificar situações que somos apanhados de surpresa.

Este fato que vou narrar aconteceu não faz muitos anos. Depois do ano de 1977 mudei-me de Santos para São Paulo, embora continuasse frequentando o 55º Morvan, meu Grupo de origem, atuando como Chefe de Grupo. Como sou nascido em Santos, tenho família e apartamento lá, viajava todo fim de semana, impreterivelmente para as atividades do Grupo.

Uma certa noite de sexta feira, lá pelas vinte e três horas, recebi um telefonema urgente, do Comissário Regional, e pela sua voz dava para perceber a angústia e a inquietude.

Ele pedia para que eu o representasse nas festividades de reabertura de um Grupo no Guarujá, no bairro de Vicente de Carvalho, pois havia acontecido um problema pessoal e ele não poderia descer.

Ainda por cima era um feriado prolongado e o trânsito nas estradas costuma ficar sobrecarregado, com as TVs anunciando congestionamento no pedágio. Ainda lembrou que atravessar pela Balsa Santos Guarujá, nestes dias de muito trânsito, leva por volta de duas horas na fila de espera.

Enfim, pediu um favor e eu, que já estava em Santos, não podia negar. Falei com o chefe da Tropa 1 do meu Grupo, convidando para me acompanhar. Expliquei o pedido e que ele, que possuía uma motocicleta, seria mais fácil, pois não pegava fila, entrando diretamente na balsa. Desta forma, fomos os dois cumprir a tarefa. Nunca tinha andado na garupa de uma motocicleta e estava apavorado, pois não tinha onde segurar... um sufoco nas curvas. Tinha a certeza que na próxima curva iria cair...

Bem, não caí e chegamos no local aproximadamente as oito horas, de um domingo ensolarado e ótimo para ir à praia. Apresentamo-nos aos Diretores e Escotistas do Grupo e ficamos aguardando o início das solenidades, inicialmente marcada para as oito e trinta horas.

Estavam presentes outros Grupos Escoteiros e vários convidados da comunidade, um número de pessoas consideradas grande.

O tempo foi passando, passando e nada de iniciar. Uns familiares já começaram a reclamar pela demora e quando foi lá pelas dez horas, já com muita gente e outros Grupos, reclamando muito, fomos falar com os responsáveis pela festa, avisando que muitos já queriam ir embora... Pensamos que ele estivesse aguardando alguma autoridade, pois estas sempre atrasam, e a resposta à pergunta “Por que está demorando tanto?” Nos deixou estarecidos: Eles, simplesmente responderam, com toda calma do mundo:

“Ué! Vocês é que sabem a hora de começar! Vocês não são da Região? Cabe a vocês dirigirem a festividade!”

Ficamos perplexos com a simplicidade e solicitamos o Programa da atividade para nos orientarmos o que deveria ser feito. Pasmem com a resposta: “Vocês não trouxeram de São Paulo? Nós não temos nada, pois vocês é que fazem...”.

Foi “aquele perereco” correndo atrás de Bandeira, adriça, etc. perguntando quem iria fazer a Promessa, separando distintivos e mais outras dezenas de providências, num corre-corre danado. Havia a posse da nova Diretoria, que pelo que apuramos, foram convidados naquela hora, cuja aceitação não foi fácil fazendo todos passarem por grande constrangimento.

Quem seria o culpado desse acontecimento? Estávamos sem Comissário Distrital naquele período. Não devem ter conversado com ninguém mais experiente solicitando informações. Nem os Grupos convidados sabiam que eles não conheciam o protocolo.

Bem, no final, deu certo tendo em vista a improvisação de tudo, mas o mais difícil mesmo foi o pedido de desculpas ao público presente, pois não iríamos revelar o verdadeiro motivo. Seria muito deselegante.

Infelizmente, o Grupo durou poucos anos e hoje ninguém mais se lembra do fato. Algumas vezes é até bom nem se lembrar...

No final de tudo, acabamos assumindo a culpa do atraso, já que a Região Escoteira costuma levar a culpa de tudo...

Uma a mais, uma a menos, e nós pagamos o pato!



18 – QUANDO COMEÇOU?

Certa noite de sexta feira, já passando das vinte e três horas, estávamos em casa assistindo televisão quando recebi um telefonema do Comissário Distrital de Santos, bastante preocupado. Ele me convidava para assumir a direção de um Curso de Técnicas Mateiras, que estava marcado para ser realizado na sede do Clube da Cosipa, no município de Cubatão.

Notei pela sua forma de falar, parecendo estar “procurando as palavras”, que alguma coisa de estranho havia acontecido... Sempre que era realizado um curso no Distrito, congregava os cursantes de toda as cidades da Baixada Santista e, não raro, das cidades de São Bernardo e todo A.B.C. incluindo Diadema. Por isso, logo pensei: O problema deve ser grande!

Eu e a minha esposa Lenita sempre dirigíamos os Cursos na Baixada Santista e naturalmente aceitei dirigir mais este que agora estava sendo convidado, quando perguntei, com a maior naturalidade, qual seria a data deste curso, para que pudesse me programar.

Não é que para a minha maior surpresa, ele respondeu muito sem “graça”: É para dirigir o Curso que iniciou às 20 horas de hoje e já são meia noite e o Diretor não compareceu, não avisou que não vinha e não conseguimos localizá-lo em sua cidade...

Isso, nunca vi acontecer. Já assumi Curso “em cima da hora”, até uma semana antes, no qual o Diretor teve problemas pessoais e teve que renunciar a direção, mas assumir um Curso já iniciado (iniciado no papel), eu nunca tinha feito. E, aqui entre nós, acho que nunca ninguém fez...

O Comissário disse que todos os cursantes estavam no campo, inclusive de outras cidades, que não sabia que atitude tomar. Estava apavorado! Eu sabia deste Curso, que estava tudo certo com outro Diretor, tudo programado corretamente, como sempre acontecia com os Cursos realizados no Distrito. Conhecia muito bem o Diretor, pessoa de capacidade, longa prática e de palavra, levando o Escotismo muito à sério. Alguma coisa grave deve ter acontecido para ele não assumir o compromisso e nem avisar por que não iria mais dirigir.

Mandei que montassem os campos de Patrulha, no local que costumávamos usar quando havia Curso na Cosipa, servir o café reforçado, e irem dormir, que eu estaria no campo às seis horas. Não adiantaria viajar para Santos àquela hora, pois nada iria fazer que coubesse ao Curso. Fui dormir logo para acordar cedo para viajar, chegar antes do hasteamento oficial e dar início ao Curso.

A Equipe era do Distrito e já estava programada, com suas tarefas definidas anteriormente pelo ex-Diretor, com as unidades didáticas distribuídas e preparadas pelos assistentes e foi dar prosseguimento, tudo correndo em paz, daí em diante.

Uma experiência vivida que, certamente, poucos tiveram a oportunidade de viver!

19 – INVASORES SEM-TERRA?

Alguém já passou por uma situação semelhante? E nem queiram passar... É desesperador. Coloquem-se em nosso lugar e imagine-se como parte dessa aventura verídica e que, hoje, após tê-la vivido, tornou-se hilariante!

Fomos acampar em Itapetininga, com quase todo o Grupo. Na época foram duas Alcateias, uma Tropa de Escoteiros, uma de Escoteiras, uma Tropa Sênior e uma Tropa Guia. O Clã foi com doze pioneiros/as e estávamos com vinte chefes. Uma Equipe de dez pais de apoio seguiam conosco, pois acamparíamos por quatro dias. Tudo ocorria conforme o planejado. As Alcateias iriam acantonar em uma escola de fazenda

Um pouco distante, e o pessoal acamparia em uma fazenda muito bonita, ocupando um dos pastos. Um acampamento rústico e interessante para quem é do litoral e não tem nenhuma convivência com animais de grande porte e a vida de fazenda.

Bem, eu tenho um regulamento próprio que diz: “Se está chovendo no dia, pouco antes de sair da sede, transfiro o acampamento. Mas, se já estou no campo e começa a chover, aguentamos até o fim”!

Pois bem, saímos de Santos com sol e já estávamos perto de Itapetininga quando arriou uma chuva fortíssima! Aí foi o caos...

Chegamos na fazenda, aliás, no pasto, onde havíamos marcados para acampar e a chuva não passava... Então resolvemos desembarcar. Uma tragédia! Abrimos os porta malas dos três ônibus e começamos a descarregar... Mas, (sempre tem um mas...) a estrada era apertada, só passando um veículo de cada vez. Era uma estrada vicinal de barro, em declive e estava lisa como sabão, devido a chuva. Acontecia o seguinte: quando vinha chegando um carro, fechávamos os porta malas e os três ônibus andavam até uma bifurcação há uns 400 m. à frente. Tínhamos que pedir informações para o motorista do carro para qual lado da bifurcação ele ia, para os nossos motoristas pegarem o outro lado da bifurcação. A seguir, os 3 ônibus voltavam de ré, deslizando no barro e encostando nos barrancos. Isso aconteceu umas cinco vezes até esvaziarmos os ônibus e eles voltarem para estacionar em uma estrada mais larga. Dentro, era só barro!

Segundo ato do desastre: Na chuva não dava para carpinar o mato de uns 0,40 cm de altura e resolvemos montar primeiro os toldos das Patrulhas para abrigar o pessoal, as mochilas, (que a esta hora já estavam encharcadas). O pessoal estava com roupa comum e capa de chuva plástica, fazendo o possível. Em nosso Grupo, cada seção, tem os toldos de cores diferentes e plásticos extras, pretos, para cobrir as laterais em caso

como aquele, de chuva forte. Olhando, a impressão era horrível: Um monte de toldos, de cores diferentes, fechadas lateralmente de preto, montadas aleatoriamente, um monte de pessoas, vestidas de qualquer forma, montes de mochilas espalhadas pelo chão, alguns lampiões acesos e, uma bagunça generalizada. E a chuva caindo forte. Fora as fezes das vacas, que molhadas da chuva, se tornaram amolecidas, e quando pisávamos, entravam pelos sapatos, junto as meias. Quando estão secas, são fáceis de remove-las, e ainda se tocamos fogo, espanta os mosquitos. Mas, encharcadas...Ufa!

Pensam vocês que é só isso? Aí, chega a Polícia, em quatro viaturas, e todos com caras de poucos amigos, procurando pelo responsável (e era eu...) dando trinta minutos para desocuparem o local, pois receberam denúncias que éramos “sem-terra” invadindo a fazenda. Como ninguém estava de uniforme, não acreditavam que éramos Escoteiros e com autorização para acampar. Um deles ousou dizer que nunca tinha visto Escoteiros daquele jeito, diferentes dos Escoteiros de Itapetininga.... Vejam só!

E, o pior, é que, naquela confusão, não encontrávamos a carta outorizando o acampamento, e quando a encontramos, estava ilegível, completamente encharcada. Por sorte nossa, lembrávamos o nome do proprietário e um dos chefes, acompanhou um policial na viatura, até a Delegacia e lá, telefonou para o fazendeiro, (diga-se de passagem, foi difícilimo para localiza-lo.) que confirmou a nossa informação.

No campo, estávamos pensando em montar as barracas, que a esta altura já estavam molhadas, dentro dos sacos, mas resolvemos aguardar se tínhamos que sair do local. Após confirmado que éramos escoteiros e autorizados a acampar, o Delegado, pessoa muito distinta, resolveu nos auxiliar, comunicando-se com o Prefeito, solicitando que nos alojassem no Parque de Monta, pois a chuva parecia ainda mais forte, e já passava da meia noite. Ficamos satisfeitos dos Lobinhos não estarem junto.

Acabaram-se os problemas? Nem pensem nisso! A seguir, tivemos que localizar os ônibus e seus motoristas para ir buscar o pessoal. Na Prefeitura nos foi oferecido um caminhão para apanhar o material. Graças à Deus, o povo do interior tem coração de gigante e se prontificaram para ajudar e fomos todos para o pasto buscar o pessoal. Ainda em baixo de chuva forte, carregamos o caminhão, embarcamos o pessoal e fomos para o local indicado, um galpão muito grande, dentro de uma área de jardins, vários galpões de tamanhos diferentes, um local muito bonito. Ficamos alojados em um galpão e após um lanche reforçado, fomos repousar, cada um da forma que as roupas permitiram, recolhendo as mais secas da corda. Já eram quase quatro horas da madrugada e todos estavam exaustos.

No dia seguinte, acordamos naturalmente, sem alvorada, porem limitamos dez horas para a garotada levantar, para tomar um café da manhã reforçado e arrumarmos as coisas, extendendo todo material no galpão para secar, pois, embora mais fraca, continuava chovendo.

Como estávamos sob o teto do galpão, todo material secou durante o dia, e foi possível retornar ao programa, embora não voltássemos para o pasto, acampamos no Parque de Monta, adaptando o programa.

A chuva parou a tarde e no terceiro dia já havia sol. São estas as atividades que nunca mais esquecemos, que temperam o jovem e o prepara para um futuro seguro!



20 – RISCO DE VIDA!

Quem disse que acampar não tem risco de vida? E é verdade, mas as vezes tem! Vou contar uma história verídica como as outras, em que o chefe teve perto de deixar esse mundo passando para um, que dizem ser melhor...

Nosso Grupo é em Santos e, como todo mundo sabe, Santos está situada na Ilha de São Vicente, na Baixada Santista. No início um pouco difícil para entender mas não vem ao caso nesta história, apenas para dizer que sendo uma ilha, e a cidade cresceu a ponto de não ter lugar para acampar. Não tem periferia. Um lado é praia e o outro lado é o cais do porto.

Tanto é verdade que o Jockey Clube de Santos, fica em São Vicente, a Base Aérea de Santos fica no Guarujá em Vicente de Carvalho e o Aero Clube de Santos fica na Praia Grande, tudo por falta de espaço.

Bem, com isso, os Escoteiros acampam fora de Santos e o 55º Morvan não poderia ser diferente. Mesmo as nossas Jornadas de 1ª. Classe ainda são feitas em outras cidades. Costumávamos fazer as Jornadas em São Paulo – capital, mais precisamente no município de Embu-Guaçú, no Sítio Vale das Flores, gentilmente cedido por um chefe Escoteiro. Isso já acontecia há alguns anos.

Aproveitávamos o acampamento geral anual e tradicional, denominado ADESTRO que é o diminutivo de adestramento, para fazermos as Jornadas. Chegou uma época que as Jornadas já não “cabiam” dentro do ADESTRO e tínhamos que ir ao sítio exclusivamente para fazermos as Jornadas. Telefonávamos para a esposa do caseiro que também tinha um açougue em Santo Amaro, falávamos com ela, avisando o dia que chegaríamos e ela avisava o marido, que mandava fazer uma limpeza na casa para receber o pessoal da chefia e aqueles que iriam sair em jornada.

Pois bem, assim começou a aflição. Chegaram no Sítio lá pelas 20 horas de sexta feira e ocuparam a casa, como sempre faziam. Os empregados já os conheciam e seguiu-se a rotina. Dormiam na casa e logo às 7 horas da manhã, saía para a Jornada a primeira dupla. A outra dupla saíria às 12 horas e a terceira dupla às 15 horas.

Mas, desta vez foi diferente. Eu, por afazeres particulares, só poderia chegar sábado à tarde e os três chefes com os seis garotos, foram antes pois já conheciam o local de outras atividades, sem problema nenhum. Chegaram e se instalaram na casa como sempre. Ficaram preparando as coisas até tarde, perto de uma hora da madrugada. De repente entra pela porta à dentro, o caseiro, completamente bêbado, quase não

parando em pé, e com um revólver 38 na mão, chamando os chefes de ladrões e que ia mata-los.

A esposa havia esquecido de avisá-lo que iríamos naquele fim de semana e, quase se transformou em tragédia... Um dos chefes tentou falar alguma coisa e o caseiro colocou o revólver encostado na sua cabeça dizendo que ele seria o primeiro. A garotada apavorada. Todos estavam temendo que o caseiro, naquele estado de embriaguês, puxasse o gatilho, mesmo sem querer. Todos já estavam sem uniforme e sem poder mostrar documentos, pois ele não havia ninguém. Ele não reconhecia nenhum deles, embora não fosse a primeira vez que estivessem na casa. A sorte é que um dos chefes, lembrava-se do nome dele e de alguns detalhes passados e foram argumentando que, se fossem ladrões, não acenderiam as luzes e os outros empregados do Sítio teriam reagido e ele foi acalmando, até guardar a arma.

No dia seguinte, o caseiro desculpou-se muito e disse que havia muitos roubos nos sítios daquela área e que todos estavam preocupados e andando armados.

O outro lado cruel dessa história é que este caseiro morreu assassinado alguns meses depois, não por ladrões mais sim por valentia, pois quando bebia brigava com todo mundo. Pessoas com esse gênio, mais cedo ou mais tarde, acabam encontrando o seu algoz. São histórias que o Escotismo não publicará.

*Dois livros escritos
especialmente para Escotistas e Dirigentes
"Reflexões de Um Velho Lobo 1 e 2"*

Viver como Escoteiro é crescer como indivíduo!



21 – DILÚVIO EM SANTOS

Há muito tempo pensávamos em fazer um grande acampamento em Santos, mas não existia área para acampamentos. Mesmo nos dias de hoje não existe, pois Santos é uma ilha e não tem periferia e muito menos uma área conforme pretendíamos. Na Rua Alexandre Martins, havia a Sociedade de Moradores do Conjunto IAPI que possuía sua sede em um barracão do canteiro de obras que existia ao lado do Conjunto Residencial. Tinham também um campo de futebol junto ao barracão e era o único lugar que caberia nosso acampamento. Mas, estava fora de cogitação, pois iria estragar o campo.

Algum tempo depois, para nossa alegria, soubemos que a Diretoria da Sociedade iria reformar o campo e fomos propor a eles uma parceria, Morvan & SACIAPS, para fazermos uma festa em conjunto. Com isso, conseguimos envolve-los em nosso projeto, advogando que seria o maior acampamento de Escoteiros já acontecido em Santos. E assim foi. Várias reuniões em conjunto e marcamos o acampamento para mais de um ano depois, em julho de 1978 para dar tempo de preparar uma boa atividade. Escolhemos julho por que é férias escolares, costuma não chover e em Santos raramente faz frio. A data definida era no penúltimo fim de semana (5ª à domingo), por que no último, é o término das férias e as estradas estariam cheias, com os turistas deixando a cidade.

Demos o nome de 3º ACAMPAMENTO MORVAN DE PATRULHAS, pois já tínhamos feito outros dois, porém menores. Como vocês podem ver, tudo muito bem planejado para que não houvessem falhas... Por que pensávamos assim? Nada é perfeito...

Além de tudo, teríamos o casamento do chefe da Tropa de Escoteiros com a Akelé da nossa Alcateia, no acampamento, celebrado pelo Padre Danilo Ohi, chefe Escoteiro I.M. do Grupo Bandeirantes de Barueri. Uma cerimônia Escoteira inédita em Santos e raríssimo de acontecer. Nem vamos citar o trabalhão que deu conseguir a autorização do Bispo de Santos, conhecido como muito severo e que não concordava de forma nenhuma. No final, o casamento aconteceu na Igreja do Embaré, não muito distante do campo, com os noivos de uniforme Escoteiro e a Igreja repleta de Escoteiros. Foi uma cerimônia muito linda! Mas, sempre tem um lado ruim.... Para que acontecesse o casamento durante o acampamento, fizemos um acordo com os noivos: somente iriam para a Lua de Mel após o termino do Acampamento, ainda faltando dois dias para o encerramento, pois eles eram imprescindíveis para a aplicação do programa previsto. O que não fazemos pelo Escotismo? Ambos concordaram e assim foi feito. No acampamento aconteceu o casamento civil, com tudo o que tinha direito! Músicas,

Palmas Escoteiras, Gritos de Patrulha, de Tropa, uma alegria nunca visto em um casamento. E notem: não houve bebidas alcoólicas!

As atividades continuaram, entre elas a maior arrecadação de agasalhos, cobertores, roupas etc. que encheu um salão até o teto! Jogos variados, gincana de rua, jogo noturno de surpresa para os seniores, um grande Fogo de Conselho, visita ao Aquário e Museu de Pesca, um enorme bolo de casamento, etc. Uma programação variada.

O acampamento estava correndo “redondo”, suas instalações funcionando bem, pois a Prefeitura instalou quatro caixas de água totalizando 2000 litros, dez sanitários, um enorme coxo para a lavagem de pratos etc. tudo com instalação de água, luz, som e esgoto, tudo direto da rua. Uma ótima estrutura para os 600 Escoteiros acampados!

Mas, na penúltima noite, meus amigos, caiu a maior chuva que teve em Santos! Nunca choveu tanto desde a chegada de Martin Afonso de Souza, em São Vicente, por volta do ano de 1500! Só isso? Que nada...

Não contávamos que o chão do acampamento, todo de areia da praia com uma grama razoável, macio e jeitoso, havia a uns 0,40 centímetros de profundidade, uma camada de concreto. Aquele campo de futebol tinha sido o “canteiro de obras” para a construção do Conjunto Habitacional do IAPI, local de mexerem toneladas de concreto e outros materiais, tornando-se completamente impermeável a chuva.

Conclusão, tudo ficou em baixo d’água. O campo alagou e sanitários cavados com máquinas, transbordaram, tornando-se impossível de usá-los. Um verdadeiro dilúvio!

Nas horas difíceis e amargas que pudemos comprovar a solidariedade do povo santista. Logo apareceram os moradores do conjunto residencial e levaram os Escoteiros para dormirem nos seus apartamentos, secando suas roupas, dando o lanche noturno, cuidando deles como se fossem seus filhos! Muito agradecemos ao bom coração dos moradores locais, pois tudo havia ficado embaixo d’água, inclusive mochilas e alimentação do lanche noturno! Tudo encharcado!

Mas, como Deus é Escoteiro (e isso tenho certeza absoluta) além de nos dar guarida na noite, nos presenteou com um magnífico dia seguinte de sol forte nos reconfortando e, permitindo que retornássemos as atividades e arrumássemos o campo, que mais parecia uma favela, com tudo desmontado pelo vento forte e esparramado pelo chão. Reiniciamos o programa para o último dia de acampamento, após a remontagem geral.

Secos, bem alimentados, e por incrível que pareça, com os uniformes recuperados, as atividades se desenrolaram conforme a programação, com atividades escoteiras e turísticas, alternando por subcampo, técnicas escoteiras e turismo.

Apesar da tempestade, aqueles que lá estiveram, acampados na maior atividade escoteira realizada em Santos, em suas avaliações feitas posteriormente, confirmaram que valeu à pena ter participado. Ou pela solidariedade, ou pela fraternidade, a verdade é que até hoje muita gente se lembra como o “Acampachuva” apelido dado por alguns. Coisas do Escotismo, que depois de algum tempo, torna-se engraçado!

Ah! Os noivos? Enfim, puderam partir tranquilamente (e muito cansados), para a merecida Lua de Mel!

DISTINTIVO DESTE EVENTO (Desenhado pelo chefe Adelck Bistão):



22 – DEUS REALMENTE É ESCOTEIRO!

Inúmeras vezes escutamos e repetimos a frase “Deus é Escoteiro!” e acreditamos mais neste dito pela nossa Fé! Mas alguns privilegiados puderam testemunhar a veracidade da frase. Eu fui um desses e vou deixar aqui o meu testemunho.

Era sênior, monitor da Patrulha 14 Bis (nessa época meu Grupo era da modalidade do ar) e fomos acampar. Escolhemos uma data tranquila, isto é, durante os cinco dias de carnaval. Fomos em três Patrulhas, pois alguns viajaram com seus pais e outros optaram por se divertirem com o carnaval. Ah! Ainda havia aqueles que recebiam parentes em suas casas, pois Santos é atração em qualquer época, ainda mais nos feriados de carnaval.

Enfim, fomos acampar com todo planejamento possível em Mongaguá, onde hoje é a Cidade da Criança, uma espécie de orfanato. Na época era apenas uma clareira aberta ao pé do morro, uma área com grandes plantações de bananas, que subia o morro até quase o cume, muito produtivo, como era toda aquela região de bananicultores.

Chegamos bem cedo ao local e fomos instalar o campo. Como sempre, cada Patrulha distava uns cinquenta metros uma das outras e a chefia ficava equidistante, quase no centro do campo. Um lugar ótimo para atividades, amplo e seguro. Havia umas vacas, galinhas e cabras, como um grande sítio. Logo fizemos amizade com os cachorros e todos viveram harmoniosamente. Os empregados vinham nos visitar e nos presenteavam com bananas, colhidas no local, das centenas de cachos cortados para embarcarem nos caminhões.

Até aí, tudo normal e vocês perguntarão: Onde está Deus Escoteiro? Claro, Ele está em toda parte, cuidando de seus filhos e de sua natureza tão bela. Mas o principal está para acontecer.... Dias maravilhosos, de um sol digno de uma pintura, mas.... durante a noite do segundo dia, começou a chover... E foi aumentando, aumentando e nós, em nossas barracas, bem protegidos e seguros.

A chuva era torrencial e começou a cair raios pela área. O pior vocês não sabem: o campo que ocupávamos começou a inundar... Já estávamos com um palmo de água e começou a entrar nas barracas... E a chuva forte caindo... Resolvemos pegar as nossas mochilas e “abandonar o barco”, correndo para um galpão ao pé do morro, distante uns cem metros do campo. Chegando lá, haviam “todos” animais que citei e fomos nos ajeitando e repartindo o local entre eles.

Pronto! Estávamos abrigados! O tempo foi passando e o sono chegando. Embora molhados da chuva, estendemos umas lonas molhadas pelos espaços que nos sobraram e adormecemos, entre a saudável companhia dos animais.

Pela manhã, acordamos bem cedo e com o sol brilhando novamente, despertados pela retirada voluntária e barulhenta dos animais. Todos estávamos doloridos pela noite mal acomodados, mas alegres por ter passado a chuva.

Tudo era alegria e motivo de piadas, quando veio falar conosco alguns empregados, que haviam chegado nos caminhões, e aí então, tivemos a certeza que Deus é Escoteiro!

No centro do galpão onde pernoitamos com aquelas agradáveis companhias, havia um trilho espetado verticalmente e dele partia um grosso cabo de aço que “subia” o morro até quase no topo. Aí, soubemos o porquê daquele cabo de aço: os cortadores cortavam os cachos de bananas, enganchavam um gancho de aço, prendiam no cabo de aço e o cacho deslizava morro a baixo, pela força da gravidade. Era um “teleférico” para bananas.

E Deus, o Escoteiro? Voltam vocês a perguntar. Acontece que nos dias de chuva com raios, como naquela noite, eles são atraídos pelo cabo de aço, lá em cima do morro e descem pelo cabo até o trilho espetado no galpão. Já havia matado vários animais, inclusive vacas, que se abrigavam no galpão. Disseram que é normal a descarga elétrica descer pelo cabo de aço e que nós tivemos muita sorte mesmo, em nenhum raio ter atingido o cabo em cima do morro.

A verdade é que para ser Escoteiro, tem que gostar! É viver aventuras e desafios que, aquele que não foi Escoteiro, não conhece...

Se é normal acontecer de cair raios no cabo de aço, por que não aconteceu enquanto estávamos abrigados no galpão, em uma noite de temporal, com muitos raios caindo por perto, durante horas?

Só há uma explicação: Deus nos protegeu! Deus realmente é Escoteiro!

Querem saber o final do acampamento? Fizemos uma prece especial em agradecimento à Deus pela sua proteção. Construímos plataformas com um metro de altura e montamos as barracas sobre essas construções, para nos proteger do alagamento.

Falávamos com satisfação: Agora pode chover à vontade! Aguentaremos em nossas barracas e dormiremos ao som da chuva batendo nas lonas...

Sabe o mais engraçado? Não voltou a chover até o final do acampamento!

Para a nossa alegria, fomos todos testemunhas da existência de Deus e que, de fato concluímos: Ele só pode ser Escoteiro!



23 – UM ABSURDO!

Não raro cometemos erros que, posteriormente nos trazem o arrependimento, mas outras vezes percebemos o erro após tê-lo cometido e só nos resta pedir desculpas. Pode parecer simples, mas com isso, magoamos pessoas que não merecem e que não tínhamos essa intenção.

Esta história relata um fato difícil de esquecer e que até hoje eu me arrependo. Houve uma época em que a Ford e a Volkswagen se uniram, aqui no Brasil, e formaram uma marca chamada Autolatina, que não mais existe. Foi uma experiência que não deu certo... Ambas as fábricas enviaram funcionários para um prédio localizado na Via Anchieta para trabalharem juntos.

No Grupo 55º Morvan havia um chefe, assistente da Tropa 2 do Ramo Escoteiro, que se enquadrou nessa junção e foi da Ford para a Autolatina. Já trabalhava no escritório há alguns anos, em uma sala com mais outros quarenta escriturários que também tinham, sido reunidos de ambas as montadoras.

Um dia, ele veio todo contente, logo que nos encontramos na sede do Grupo para uma reunião normal de sábado, que havia descoberto da mesma sala que trabalhava, um chefe Escoteiro de um Grupo de São Bernardo.

Contou que passando pelos corredores entre as mesas, viu em cima de uma delas, o livro Escotismo Para Rapazes. Esperou pela pessoa que sentava naquela mesa e assim que chegou, foi logo perguntando se ela era do Escotismo.

Eles já se conheciam e trabalhavam juntos há aproximadamente cinco anos e um não sabia que o outro era Escoteiro! Um absurdo! Ah! Fiquei uma fera! Tornei-me até indelicado, pois minha reação inicial foi uma “explosão” em que o resultado foi uma “bruta bronca”, pois era inconcebível seus companheiros de sala não saberem que ele era Escoteiro!

Quantos anos perdidos de divulgação do Movimento Escoteiro, expandindo o método Escoteiro e motivando seus colegas a colocarem seus filhos e, até alguns poderiam ter entrado, nesses anos todos.

Claro que a culpa era de ambos, mais como somente ele estava “à mão” levou toda o peso da falha cometida. Expliquei a ele a importância que ele agregaria ao Movimento, sendo Engenheiro, ser também chefe Escoteiro, sua esposa era Akelá e os três filhos, no Escotismo, um lobinho e dois Escoteiros! Ele, um ótimo Escotista e também um ótimo funcionário, só valorizaria o Escotismo junto aos demais funcionários.

Ele entendeu e com toda humildade do mundo, pediu desculpas, reconheceu o erro e prometeu corrigir, nunca mais o cometendo.

Prometeu conversar com o outro chefe e juntos falarem muito de Escotismo, chegando ao ponto de pensar em convidar todos companheiros da sala para ouvirem uma Palestra Informativa que pensaram em ministrar em uma data favorável.

Passando meu momento de “descontrole” pedi desculpas várias vezes, mais como dizem: “As flechas e as palavras, depois de disparadas, não voltam atrás!” . Já havia cometido o erro e agora iria tentar minimizar o efeito. Ele tinha o CB (curso básico) e a parte 2 (campo) da IM (conforme era o Esquema de Adestramento naquela época) e como eu já dirigia cursos, o convidei para participar na Equipe de Apoio de alguns Cursos para que ele observasse e se preparasse para dar a Palestra Informativa aos seus companheiros de trabalho.

Infelizmente a tal Palestra nunca aconteceu, pois segundo ele não conseguiram uma data favorável que contemplasse à todos, mas garantiu que todos ficaram conhecendo o Escotismo, pois passaram a falar constantemente, a mostrar fotografias de suas atividades, e até colocando algum material tipo folder, no quadro de avisos na sala deles.

No fim, tudo deu certo. Ele divulgou o Movimento Escoteiro entre seus colegas, entendeu por que achei ruim com o fato e me perdoou. Acredito na palavra dele que prometeu que estaria atendo para não mais acontecer.

Após ter passado pouco mais de um ano, por problemas familiares e pessoais, separou-se da família, deixando o Escotismo, transferindo-se para o nordeste. A família continuou mais um tempo, mas os filhos saíram e a mãe acabou por nos deixar.

Quanto aos sentimentos, aprendi que temos que ser mais rígidos com os nossos sentimentos e principalmente com nossas ações! O já conhecido “contar até dez” antes de falar alguma coisa, em um momento que esteja bravo...

De qualquer forma é um absurdo, seus colegas de trabalho ou de Faculdade, não saberem que você é Escoteiro e por esse motivo, não conhecerem mais sobre o Movimento Escoteiro!

24 – O QUE FAÇO COM O LIXO?

Estava dirigindo um Curso Básico na época chamado de Curso de Chefe de Grupo e Comissário Distrital, no Campo Escola Jaraguá. Como era de rotina o Curso iniciava na sexta-feira às vinte horas e terminava no domingo, às dezessete horas.

Estava lotado, isto é, completo, com trinta e dois Escotistas de várias cidades de São Paulo, e dois que vieram do Rio de Janeiro. Como sempre, a carga horária do Curso era extensa e o tempo insuficiente para aplicarmos o programa que seria desejado, pois sempre parece que podíamos fazer melhor, oferecendo mais aos cursantes.

A programação corria normalmente, sem dificuldades e quando atropelávamos o horário cortávamos uma canção aqui e ali e um jogo de vez em quando, sem falar que a noite tivemos que esticar um pouco o horário, indo dormir mais tarde, como acontece na maioria dos Cursos, quando queremos dar o máximo de conteúdo possível aos alunos. A eterna briga do tempo versus conteúdo...

Bem, na programação estava inserida uma B.A. (Boa Ação) a qual iríamos fazer uma limpeza na trilha interna, que partia dos fundos do Campo Escola e serpenteava pelo morro, subindo até o Pico do Jaraguá, Era uma trilha pouco conhecida pelos turistas e muito mais usada pelos Escotistas que faziam cursos. Mesmo assim, a trilha estava suja, com muitas garrafas plásticas vazias e embalagens de doces.

Cada Patrulha pegou alguns sacos plásticos de lixo de sessenta litros, luvas plásticas e foram em excursão, cumprindo algumas tarefas durante o percurso. Isto aconteceu no domingo e voltariam para almoçar, trazendo oito sacos de lixo cheios os quais seriam incinerados no Campo Escola.

O Curso continuou normalmente até seu encerramento, o que aconteceu pouco depois do horário previsto. Sempre carregamos algum atraso durante a aplicação das unidades didáticas. Encerramos o curso dentro da rotina e alguns cursantes já estavam indo embora, quando bolamos uma brincadeira com um dos cursantes do meu Grupo, que residia em Santos. Estavam em dois, com outro Escotista de outro Grupo do Distrito de Santos. Estavam com uma perua Caravan e, por coincidência, estacionaram o carro ao lado do local em que estavam empilhados os sacos de lixo. Adivinharam?

Pegaram seus materiais individuais (mochilas, saco de dormir, etc.) e colocaram no carro e foram se despedir dos demais cursantes, o que sempre leva algum tempo.

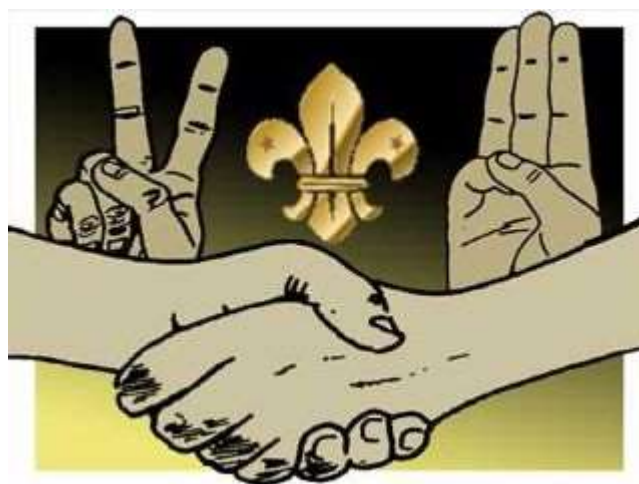
Então, alguém da Equipe teve a brilhante ideia de fazer uma brincadeira com eles. Pegamos alguns sacos de lixo, uns seis, se não me engano, abrimos o porta malas e sem eles perceberem colocamos os sacos, fechando novamente.

Eles se despediram de nós e, talvez por já estar escurecendo rapidamente, somados a pressa de ir embora para suas casas, não viram os sacos pretos e foram para Santos, levando grande parte do lixo, sem saber.

Estávamos ansiosos para sabermos o resultado da brincadeira e, como eu somente iria para Santos na próxima semana, ficamos curiosos para saber o final da história...

E aconteceu mais cedo do que espera. Já em casa, de banho tomado, saboreando um delicioso lanche, me liga o dono do “carro lixeiro” falando da brincadeira e dizendo que teve que guardar o lixo no depósito do prédio pois o lixeiro só passa na noite de segunda feira. Não ficou aborrecido entendendo que foi uma brincadeira, mas que iria revidar em uma futura oportunidade! Estamos aguardando até hoje...

Brincamos com um amigo, quase um especialista em brincar com os outros. Deixou o Escotismo por motivos pessoais, mudando de Santos. Quando retornou à cidade, não mais voltou a ativa. Uma pena, pois era um ótimo chefe!



25 – O FRIO PÕE FOGO NOS PÉS!

Houve um período difícil no Escotismo da Região de São Paulo! Havíamos saído da intervenção da UEB em nossa Região há pouco tempo e estávamos reiniciando a estruturação do setor de Adestramento (hoje Formação) e não tínhamos nenhum dos DCIM autorizados a dar cursos em São Paulo. Os nossos Escotistas, aqueles que podiam, iam receber cursos nas Regiões vizinhas, UEB/RS, UEB/RJ e UEB/PR.

O número de Escotistas que queriam fazer cursos era muito grande, principalmente para o Curso da Insígnia de Madeira (CFA), mas nem todos podiam viajar ausentando-se por dez dias consecutivos para tomar um curso. Naquele tempo ainda não havia cursos seccionados e os Cursos da I M levavam dez dias.

Para solucionar este problema, a UEB/SP convidou um DCIM da UEB/MG para vir dirigir um curso da I.M./E (Insígnia de Madeira Ramo Escoteiro) aqui em São Paulo, no Campo Escola Jaraguá. Foi marcada a data, aberta as inscrições e formada a Equipe. Eu já era IM do Ramo Escoteiro e fui convidado a fazer parte dessa Equipe, que estava sendo preparada para implementar os cursos avançados em nossa Região.

Se vocês pudessem voltar àquela época, não reconheceriam o Campo Escola. Não havia luz elétrica, nem água encanada. Um pequeno galpão, na beirada do lago apenas com o telhado e aberto nos lados, era o local que dávamos as palestras! Os sanitários eram precários e os chuveiros gelados! Havia um chalezinho de madeira em que a Equipe dormia e era o escritório do curso, onde guardávamos o material, apostilas, livros, sisal, ferramentas, mantimentos etc. etc.

Para conseguirmos dez dias seguidos, marcamos o curso para julho, mês de férias da maioria dos Grupos e como já fazia alguns anos que não havia cursos avançados, este lotou completamente e não tinha mais vagas.

O maior problema é o tremendo frio que faz no Jaraguá! Acreditamos que naquela época ainda era pior, pois tudo era realmente mata fechada, não havendo aquele bairro que faz limite com o Campo Escola. Pela manhã, a neblina era tanto que não se enxergava as barracas no fim do campo. Tínhamos que deixar um horário vago durante as tardes reservado para o banho, pois, mais tarde, após dezenove horas, o frio era insuportável para se tomar banho gelado. Teve gente que ficou os dez dias sem banho!

As palestras eram feitas no barracão e a noite, fechávamos toda a volta com lonas, acendíamos uma fogueira no centro para esquentar um pouco, e acendíamos uma churrasqueira portátil, com carvão, para servir de lareira. O frio doía nos ossos!

Terminávamos as atividades do curso, normalmente lá pela meia noite e o Diretor do curso, reunia a Equipe para avaliação, realimentação do programa, fazer as alterações que se fizessem necessárias, preparando para o dia seguinte. Nos reuníamos no galpão em volta da churrasqueira bem acesa, todos com os pés em direção a ela, como se fossemos os raios de uma roda de bicicleta. Todos enrolados em suas mantas e tomando um chá quentíssimo, para ver se mantínhamos o frio sob controle, mas mesmo assim era muito difícil. Parecia que nada esquentava...

Vocês imaginam uma reunião nessas condições; uma hora da madrugada, todos cansados e com sono, tomando um chá quente, ouvindo as recomendações do Diretor do curso, avaliando toda a programação do dia, etc. etc. Só aumentava o sono...

E foi o que aconteceu comigo. Como todo mundo, estava com os pés direcionados para a churrasqueira, bem perto das brasas, recebendo um calor reconfortante, quando um pé do meu sapato começou a pegar fogo! Era um sapato com um grosso solado de látex, ótimo para aquecer os pés, mas durante a avaliação, devo ter dado uma cochilada mais profunda e relaxado os pés, encostando-os na grade de metal da churrasqueira.

Dei um salto e joguei o chá que estava na panela para apagar o fogo do sapato, apagando as chamas. Um bruto susto para todos, mas não chegou a queimar o pé, graças a rapidez em apaga-lo. Logo depois fomos deitar nos sacos de dormir, direto no chão do chalezinho, pois só cabiam três camas. Pelos menos era de madeira e não tão frio.

O constrangimento foi que todo o curso ficou sabendo da história e no Fogo de Conselho fizeram uma esquete do fato ocorrido, satirizando meu comportamento, dando pulos para apagar o fogo. Exageraram bastante... Porém foi divertido!

Hoje, o Campo Escola Jaraguá é um “Hotel cinco estrelas” em comparação à quando começamos a usá-lo. Ele nos foi cedido de uma troca com o antigo Campo Escola no Horto Florestal, que pensando bem, era pior do que esse.

Escotismo tem que gostar muito para vivenciá-lo com alegria...

26 – PERDIDO NO SHOPPING!

Shopping deu certo, mas, podem acreditar, depende da ocasião... e por que também não dizer, de quem... Quando estive na Região de São Paulo com a função de responsável pela Renovação do Registro Anual dos Grupos Escoteiros, fazíamos visitas aos Distritos Escoteiros para saber o motivo que alguns dos Grupos ainda não haviam se registrados. Íamos eu e o Comissário Regional, para a reunião com todos os Grupos daquele Distrito. Desta forma, pretendíamos nos reunir com todos os Distritos para resolver o problema do registro e outros possíveis encalhes.

Viajávamos sempre com o nosso automóvel, cada vez em um. Marcávamos um ponto de encontro, deixávamos um dos automóveis no local e seguíamos com o outro. Chegou a vez de visitarmos o Distrito de São José dos Campos. Como de costume deixaríamos um carro, mas desta vez, o Comissário Regional teve uma brilhante ideia. Como pretendíamos fazer uma reunião rápida, pois lá os Grupos já estavam registrados, ele insistiu para deixar o carro no Shopping que ficava a caminho e foi o que fizemos. O Shopping fechava as vinte e três horas e daria tempo. Um pouco receoso, concordei em deixar meu carro no estacionamento dentro do Shopping.

Subi a rampa, procurei uma vaga e deixei o carro. Desci a pé e seguimos viagem. Tudo tranquilo. Em São José dos Campos, estavam nos esperando.

Mas, vocês sabem como são as reuniões de Escotismo. Aproveita-se a oportunidade de estarmos juntos e procura-se resolver tudo... Daquela vez, não foi diferente! Saímos da reunião às vinte e duas horas, no limite máximo da velocidade permitida já temendo não chegar a tempo para pegar o carro. E foi isso mesmo que aconteceu...

Chegamos no Shopping pouco depois da meia noite e trinta. Tudo fechado e escuro. Eu precisava do carro para ir trabalhar e só restava chamar os guardas do Shopping. Aí aconteceu o obvio: ninguém queria se responsabilizar! Um chama o outro que chama o outro que por sua vez, chama a Central da Guarda, para autorizar a entrada e ir procurar o carro. Eu nunca havia entrado naquele Shopping, nem no setor de Lojas, nem no estacionamento. Realmente, não sabia onde estava o carro. Após muita conversação e exibição dos documentos do carro, a Central da Guarda particular me deixou entrar. Levei à tiracolo dois guardas que me conduziram pelos corredores até um elevador que estava ligado, pois os outros eles desligavam.

Não foi o suficiente, e tivemos que esperar um guarda motociclista que foi percorrer todos andares de garagem a procura do carro. Existiam outros carros estacionados, dos funcionários, pois algumas das lojas arrumavam as vitrines, guardavam os estoques etc.

e por isso que o motociclista teve realmente que procurar em todos os andares, numa garagem quase às escuras.

Bem, depois de um algum tempo, que para minha paciência parecia uma eternidade, o carro foi encontrado e fui liberado para ir embora.

Pensam que acabou aqui? Nada disso! A porta da garagem que eu tinha que usar estava desligada e tivemos que aguardar a vinda de mais uns cinco guardas que estavam em outros setores para levantar a porta de aço, pois, ninguém sabia com quem havia ficado a chave do quadro, a noite. Mesmo com aquele montão de guardas não foi simples levantar a porta, a qual me daria a liberdade tão esperada.

Enfim, tudo foi resolvido uns dez minutos antes da hora que iria explodir, de ver tanta incompetência. Agradei e desculpei-me por deixar o carro até tarde (o que um Escoteiro não faz para manter o bom relacionamento) conseguindo sair quase três horas depois que cheguei, com a impressão que era o prédio do Shopping que não queria que eu saísse. Coisa de assombração.

Nas outras viagens, quando íamos para as cidades que beiravam a Via Dutra e já com a lição aprendida, passamos a deixar o carro no pátio do quartel do Corpo de Bombeiros em Diadema local em que éramos bem recebidos, com total segurança para nós e para o carro.



27 – LÁ VEM ÁGUA!

Certa vez, fomos acampar em Vicente de Carvalho, no Guarujá, mais exatamente no bairro chamado naquela época (1960) de Itapema, em um terreno bastante grande, na avenida principal do bairro, a mesma que iniciava na Estação de Barcas e do Trenzinho, e que levava até a praia principal de Guarujá.

Logo a frente, a esquerda, havia uma rua que terminava na Base Aérea de Santos, (que fica em Vicente de Carvalho / Itapema – Guarujá). Curiosidade: A Base Aérea de Santos fica em Guarujá, como o Aeroclube de Santos fica na Praia Grande e o Jockey Clube de Santos, fica em São Vicente. Em Santos não a espaço livre para mais nada...

Bem, esse terreno que acampamos pertencia, naquela época ao Brasil Futebol Clube, que havia construído um salão na frente do terreno, pretendendo fazer quadras de esportes no restante. Nem sei se ainda existe o Clube...

Fomos acampar a convite da Diretoria do Clube Brasil pois queriam abrir um Grupo Escoteiro no local, já que em todos os bairros vizinhos não havia Grupos Escoteiros. Fizemos um belo acampamento de Tropa, com quatro Patrulhas acampando separadas com mesa e fogão suspensos, um forno de barro, canto do lenhador, quatro portais muito bonitos, tudo em bambus.

Como era uma atividade social chamando atenção para o Escotismo, após o almoço, demos jogos e brincadeiras para a garotada do bairro, entusiasmada com as novidades, não dando um minutinho de folga.

Às vinte horas faríamos um Fogo de Conselho, e convidamos a população do bairro para assistir. O Clube arrumou aparelhagem de som e iluminação para o terreno, preocupado para que nada se perdesse. O interesse era geral e viramos a atração de sábado à noite, do Clube. Seria a única diversão do bairro para aquele fim de semana.

Bem, e o Fogo de Conselho começou! Seguindo o roteiro estabelecido, acendemos com dez tochas, cada uma representando uma Lei Escoteira, canções tradicionais, intercaladas com agradecimentos e esquetes das Patrulhas. Realmente estava saindo muito bem, pois a iluminação e o som ajudavam bastante.

Aí, deu-se o incidente, quase pode-se chamar de catástrofe! Um sênior pediu um voluntário para ajudar na esquete e se apresentou um garoto da comunidade, de uns 16 anos, meio “troncudo”. Pediram para ele deitar de costas para o chão, em cima de uma taboa de construção que colocaram em cima de dois tijolos. A ideia era fazer da taboa um submarino. Havia preparado com antecedência, um canudo de papelão de uns

0,20 cm de diâmetro com um metro de comprimento, alargando a parte inferior, de modo que tampasse o rosto do voluntário, deixando-o sem enxergar nada.

Ele era o comandante, e o vigia ia informando a ele as manobras do submarino e cabia a ele apenas responder “Não faz mal”! E assim foi feito: o sênior perguntava: Comandante, estamos navegando! E ele respondia por dentro do tubo: “Não faz mal”! O sênior: Comandante, vamos para o alto mar! Ele respondia: “Não faz mal!”. E assim foram feitas umas oito perguntas e ele sempre respondia; “Não faz mal!” Até que uma hora o sênior falou: “Comandante, o mar está revolto e cobrindo o submarino”! Quando o voluntário respondeu “não faz mal!”, o sênior despejou uma vasilha de água de uns dois litros, pelo tubo, dando um banho no “comandante” que de um pulo ficou em pé e partiu para a briga, dando socos e pontapés no sênior.

Segurar o garotão foi difícil, precisando uns cinco adultos para segurar o “bicho”, pedindo calma. Interrompeu o Fogo de Conselho por mais de meia hora. Pedimos desculpas mais ele não queria saber. Disse que voltaria com a turma dele e iria acabar com o acampamento. Ia quebrar todos os Escoteiros...

E foi o que ele fez, voltando mais tarde com uns dez moleques da idade dele e nós aguardávamos assustados, pois a maioria tinha uns treze anos. Mais velhos só o chefe, dois assistentes e dois seniores, que não podiam se engalfinhar com o pessoal. De qualquer forma, eles não invadiram o campo, mas passaram a jogar tijolos de uma construção quase em frente.

Para acabar com a chuva de tijolos, chamamos a Policia que ficou de guarda toda noite.

Quem disse que ficamos livres? Os moleques ficaram de plantão o domingo inteiro esperando a chance de “pegar” qualquer um Escoteiro que saísse do campo sozinho e quando fomos embora as dezoito horas, eles estavam lá, atirando umas pedras no ônibus. Foi uma dureza. O voluntário devia ter sido mais bem escolhido...

Só posso informar que, se foi por esse motivo ou outro, o Grupo Escoteiro não deu certo, ficando o bairro sem Grupo por muitos anos. Hoje, tem três Grupos nas vizinhanças, um do ar (sediado na Base Aérea) um básico e outro do mar. Nunca mais repetimos a esquete... A vida ensina!

28 – BARATAS? QUEM TEM MEDO?

Vou contar para vocês uma história apavorante que aconteceu na descida da Serra do Mar, de Mogi das Cruzes até a Usina Itatinga, em Bertioga (Administrada pela CODESP) na data de 30/01 a 02/02/87 pela Tropa Sênior Brucutu e Tropa Guia Ulah, do 55º MORVAN –Santos/SP em que tive a satisfação de participar como Chefe de Grupo.

Junto com o guia mateiro do local e todo o material às costas, iniciamos a descida, felizes e ansiosos. Éramos trinta pessoas, de ambos os sexos. Vinte e cinco jovens e cinco chefes, fora o guia mateiro. Como almoço na mata, tomamos um lanche, na hora e local programado e continuamos a descida.

Aí, meus amigos, as coisas começaram a engrossar... No meio do caminho, a chuva caiu terrivelmente, muito forte e prolongada! Estava programada a chegada ao Espelho D'água para pernoite, aproximadamente às 17 horas, mas com a chuva forte, houve atraso de uma hora. Quem disse que os problemas não vêm às pencas? O Espelho D'Água estava fechado e tivemos que continuar, em baixo de forte aguaceiro, até a base.

Chegamos a base da serra, na Usina de Itatinga às 3 horas da madrugada, cansados, totalmente encharcados, inclusive as roupas na mochila, e ninguém para nos receber, pois desta vez, ao contrário, chegamos muito mais cedo e estavam todos dormindo... Éramos esperados às 14 horas, dentro do Programa de pernoite no Espelho D'água, o que não aconteceu. Fomos direto...

Por nossa sorte (sorte?), o vigia era da Usina e morador da Vila Itatinga, uma pequena e acolhedora vila de casas, junto a Usina, na qual residiam os funcionários e sabia da nossa chegada. Penalizado com a nossa situação, propôs abrir um cinema desativado para dormirmos o que restava da noite! Demos Graças à Deus pelo apoio e fomos para o cinema. Ainda nos autorizou a usarmos os jornais, empilhados aos montes, no corredor junto a parede, já que nossos sleep estavam encharcados. O sono era tanto e rapidamente cada um fez sua cama no chão com jornais e fomos dormir. Dormir? Quem disse isso?

Foi só deitarmos e fecharmos os olhos que ouvimos barulhos estranhos, bem baixinhos... Logo a seguir, gritos altos, finos e apavorados de algumas guias desesperadas: “Baratas! Baratas”! Emoções? Aí tem mais uma...

Acendemos as lanternas e havia “zilhões” de baratas andando em cima de todos nós. Eram tantas que escutávamos seus passos em cima dos jornais... Foi um terror: meninas

aos gritos, tirando baratas do meio de seus cabelos, suas roupas, seus sapatos... Até achar os interruptores na sala de projeção foi uma luta e a gritaria só diminuiu quando acendemos todo o cinema. Quem escutasse do lado de fora iria pesar que assistíamos a um filme de terror!

Bem, ninguém dormiu a noite toda e ficamos sentados nos encostos das cadeiras do cinema batendo papo e cochilando, com as guias tomando conta para as baratas não subirem nas cadeiras. Uma noite diferente, pode-se dizer! Com muita aventura e emoções, conforme o Programa propunha!

Raiou o dia e todos estavam quebrados, com muito sono, com fome e sem mudas de roupas para trocar, pois tudo estava encharcado. Então o povo hospitaleiro da Vila nos “salvou da morte certa”... Ah! Como vocês sabem, os mosquitos pólvora atacam ao amanhecer e ao anoitecer! Tinha mais do que as baratas. E foi repelente que não acabava mais e então descobrimos que não dava certo. Os mosquitos de lá deviam ser “super-mosquitos”! Somando-se aos borrachudos, atacavam a “nova alimentação” sem dó nem piedade. E nós, sangue novo no local, éramos uma nova alimentação!

Fomos divididos entre os moradores e levados para as suas casas e nos serviram o café da manhã. Quanta gentileza! Eram seis horas da manhã e estamos um lixo! A chuva continuava porem bem fraquinha. Íamos enfrentar esse problema, quando um funcionário nos apresentou a solução! (?). Existia um túnel que era a saída de ar das turbinas e, se estendêssemos as roupas elas secariam ao vento, rapidamente. Esticamos uns varais de sisal e colocamos todas as roupas. Sentimos um odor diferente, mas não ligamos ao fato e fomos montar as barracas e os toldos da cozinha, em um belo gramado, na praça em frente a entrada da caverna da usina, tudo com autorização. A chuva continuava, mas garantiram que as roupas secariam logo.

E tinham razão! Ah meu Deus! Vocês precisam ver as roupas! Duras que paravam em pé e não dobravam! Pareciam roupas feitas de Duratex! Um cheiro de óleo insuportável. Porém, estavam secas e não tínhamos alternativa. Com elas vestidas parecíamos uns espantalhos, duros e pinquentos. Afinal, o Programa prometia Aventura e Emoções! Haviam de sobra...

Montamos o campo e passamos a viver com os nossos próprios recursos, fazendo a alimentação e cumprindo aproximadamente o Programa estabelecido, em uma coexistência traumática e tumultuosa com os mosquitos borrachudos e pólvora. Era tapa prá todo lado... Não era possível definir quem apanhava mais, nós ou eles, já que o repelente não fazia mais efeito. O restante aconteceu mais ou menos conforme o

programado, restando uma dúvida: Fomos para lá ajudar a comunidade ou para a comunidade nos ajudar? Honestamente, vamos dar um empate nesta questão.

O que fizemos para espantar os mosquitos? Passamos óleo de cozinha em todo lugar do corpo que podia ser picado... Ficou uma “melequeira” oleosa e malcheirosa, uma sensação estranha, mais resolveu o problema, nos dando um pouco de sossego.

Só posso dizer que, apesar dos problemas, valeu a pena! Tornou-se uma daquelas atividades que será lembrada para sempre. As meninas que o digam! Baratas. Baratas!

Uma coisa podemos afirmar com toda certeza do mundo: Para ser Escoteiro é preciso gostar muito! É maravilhoso, porem passamos por cada uma...

O Escotismo é uma escola de vida!

29 – TINHA QUE ACONTECER LOGO COMIGO.

Muitos de vocês já pronunciaram esta frase, ou pelo menos ouviram alguém se lamentar de um fato ocorrido que gostaria que não tivesse acontecido... É, comigo aconteceu... Foi no primeiro Curso Avançado do Ramo Escoteiro que dirigi. Sabe bem como é que é: muita ansiedade para que tudo dê certo, Equipe já definida, pois já trabalhávamos juntos em diversos cursos básicos, pessoal escolhido a dedo, de capacidade comprovada. Feita três reuniões de Equipe para acertar os mínimos detalhes. Apostilas prontas (para a Equipe e para os Cursantes) Cancioneiro feito especialmente para este curso, A.T.L. (Atividades de Tempo Livre) e outros arranjos surpresa que tivemos ideia de preparar, para preencher toda semana dos cursantes.

Seria o primeiro Curso Seccionado que seria feito no Brasil, do Ramo Escoteiro, e todos estavam apreensivos, pois havia muita gente contra, achando que não se manteria o espírito de Patrulha, pois o Curso seria aos fins de semana.

Resolvemos fazer o Curso em três fins de semana. O primeiro e o segundo fins de semana iniciamos na sexta feira às vinte horas indo até domingo às dezessete horas. Já o terceiro fim de semana, iniciou na quinta feira às vinte horas terminando no domingo as dezessete horas. Uma carga horária razoável para um Curso Avançado, embora pequeno para os padrões da época. (Eu fiz meu curso como aluno em dez dias consecutivos). Daria tempo de ministrar toda a matéria e ainda manter o espírito de Patrulha? O que fazer?

Então resolvemos dar “lição de casa” como alguns chamaram. Teriam que fazer uma camiseta da Patrulha com o nome de todos da Patrulha, um bastão trabalhado, (no fim do Curso houve um concurso), fazer um trabalho “Como abrir a coeducação em seu Grupo” Fazer uma exposição geral de recursos de adestramento que eles usavam em suas Tropas. Fazer um Quadro de Madeira da Patrulha com todos os nomes, perpetuando a passagem deles pelo Curso no Campo Escola Jaraguá. Assim, mantemos o contato entre eles durante o intervalo entre os fins de semana.

Bem, vamos aos fatos: Na primeira noite, de madrugada, o frio estava terrível, vieram nos chamar no alojamento da Equipe, dizendo que um cursante havia morrido. Estavam apavorados, dizendo que fizeram de tudo para acordá-lo para a ronda e não conseguiram.

Corremos na barraca dele e realmente ele estava paralisado. Providenciamos uma maca com cobertor e bastos e trouxemos para o alojamento. Colocamos compressa quente nos seus pés e cobertores aquecidos. Ele estava com hipotermia e foi recuperando-se

aos poucos. Esta noite ele dormiu no alojamento bem coberto e no dia seguinte estava novinho em folha, desperto para continuar no Curso.

O outro caso foi ainda mais assustador: Um cursante de Santos, Escoteiro do Mar, quando iniciamos a hasteamento da Bandeira, ele caiu no chão, gritando e rolando de tanta dor, na região do estômago. Gritando mesmo, apavorando todo mundo. Não sabia o que tinha e nem nós. Colocamo-lo em um automóvel ainda gemendo de dor e levamos para o Pronto Socorro que, felizmente, não é longe do Campo Escola.

Todos ficaram apavorados, pois nunca tinham visto algo semelhante. Após os exames médicos, fizeram um raios-X, medicaram e deram o diagnóstico: uma enorme pedra nos rins. Foi inclusive uma surpresa para ele, pois foi a primeira crise que ele teve e não sabia que tinha e que doía tanto!

Tomou a medicação passando a dor completamente e continuou no Curso até o fim.

Foram dois acidentes diferentes que movimentou o Curso e ambos se recordam deste episódio com alegria, agora, que já passou anos do acontecimento.

Nós, da Equipe é que ficamos assustados, pois não são comuns acidentes desse tipo!



30 – O BAILE DE DEBUTANTES

No meu tempo de jovem costumávamos ir aos bailes de debutantes. Toda garota que completava quinze anos, fazia uma festa conforme era o costume. Todas usavam vestido longo, sapatos altos e os rapazes de terno e gravata. Quinze amigas formavam um círculo e cada uma segurava uma vela acesa. A debutante, no centro, ia dançando com seu par uma valsa e ia apagando as velas com um sopro, uma por uma. Quando terminava de apagar, os rapazes se aproximavam das garotas das velas e todos dançavam a valsa. O costume era dançar a primeira valsa com o namorado e a segunda com o pai. Tradição da época. Hoje nem sei se ainda fazem.

Era mais ou menos assim, com algumas particularidades inventadas para não ficar igual a uma outra comemoração de alguma colega, feita anteriormente. Era feita em algum salão de baile, ou no salão de festas do apartamento ou mesmo em suas casas.

Costumávamos frequentar muitos desses bailes, pois era o divertimento de sábado à noite, e combinávamos durante a reunião de Tropa, de irmos juntos, toda a Patrulha e muitas vezes íamos quase toda Tropa. Naquele tempo não havia garotas no Escotismo, mas tínhamos estreita amizade com as Bandeirantes.

Pois bem! Em uma dessas festas, que costumavam ser fartas em doces e bebidas, estávamos nos divertindo muito, eu e meu amigo inseparável Marinho, na época meu sub monitor, quando lá pelas duas horas da madrugada vimos um rapaz da nossa idade completamente bêbado, encostado no muro vomitando e passando mal, quase em coma alcoólica. Nem conseguia ficar em pé direito. O pai da debutante ia coloca-lo na rua, pois ninguém o conhecia. Devia ser um “furão” de festa...

Aí, o Marinho teve uma grande ideia: vamos fazer nossa B.A. (boa ação) e leva-lo em casa. A muito custo, conseguimos que ele nos desse o endereço, pois nós também não o conhecíamos. Ele estava falando todo “enrolado” e com muita dificuldade e nós, ainda mais, para conseguirmos entendê-lo.

Foi uma dificuldade mantê-lo em pé, pois dobrava as pernas e tivemos que arrasta-lo para fora da festa. Em Santos, nada fica muito longe e fomos devagar, praticamente carregando a “fera”, um de cada lado. Creio que todos já tiveram essa experiência na vida e sabe o quando é desagradável um bêbado! Só falava besteiras e tinha momentos que dormia, e nós tínhamos que acorda-lo para que andasse.

Após quase uma hora de “mão de obra” para tira-lo da festa, conseguir seu endereço e leva-lo em casa, chegamos ao prédio que ele morava. Já estávamos cansados e arrependidos da tarefa que nos propusemos a fazer...

Bem, chegando no prédio, ele não tinha a chave e tivemos que tocar a campainha do interfone várias vezes, para acordar alguém da família. Foi outra briga, pois parecia que todos eram surdos. Até que a voz de um senhor atendeu e nos abriu a porta para subirmos. Era um prédio de quatro andares e não tinha elevador. Pensamos em deixa-lo na escada no primeiro andar, mas se chegamos até lá, vamos até o fim da missão.

Foi outra “briga” fazê-lo subir as escadas. Chegando no apartamento, tocamos a campainha e o pai dele atendeu e a primeira coisa que disse foi: “O que vocês fizeram com meu filho, seus sem-vergonha” e daí em diante, não se pode escrever... Tratou-nos como cachorros, xingando com palavras de baixo calão, na certeza que fomos nós que havíamos embebedado o filho dele.

Nós nem abrimos a boca! Não falamos uma palavra sequer! Ambos percebemos que não adiantaria nada, pois a ira do pai dele poderia até querer brigar.

Entregamos o sujeito em casa, o ilustre desconhecido, e só faltou levar umas pancadas do pai, o que realmente, faltou muito pouco.

Assim terminou a nossa B.A. e até hoje não sei se valeu à pena! De qualquer forma foi feita com dó do rapaz e não esperávamos agradecimentos, mas nunca poderíamos pensar que fôssemos tão xingados por auxiliar um semelhante. Fizemos a nossa parte sem interesse e nunca mais vimos o rapaz.

Podem acreditar: O Escotismo é uma escola de vida!



ESCOTEIROS
DO BRASIL

Ser Lobinho é iniciar a vida pelo caminho certo!

Viver como Escoteiro é crescer como indivíduo!

Sênior é conviver com o mundo em igualdade de condições!

Pioneiro é a certeza de estar preparado para vencer!

ESP

Livros já publicados do mesmo autor:

“REFLEXÕES DE UM VELHO LOBO – Volume 1”

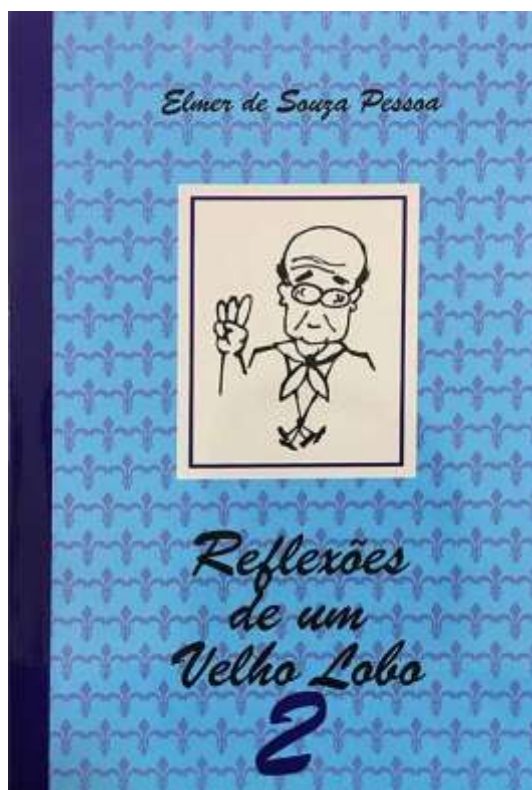
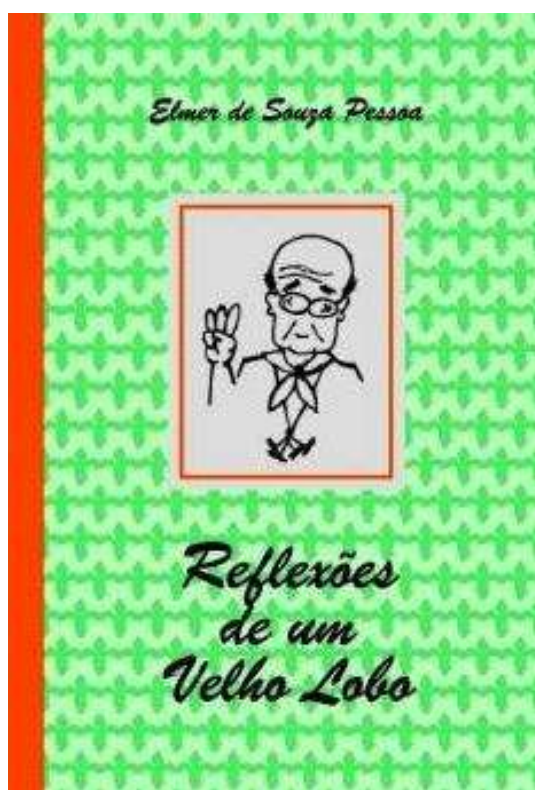
“REFLEXÕES DE UM VELHO LOBO – Volume 2”

Escritos exclusivamente para Escotistas e Dirigentes



Elmer S. Pessoa

Viver como Escoteiro é crescer como indivíduo!





ESCOTEIROS
DO BRASIL